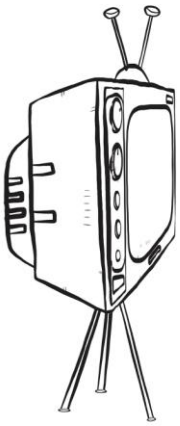
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

KETLYN COUTO

BRANQUITUDE E MIDIATIZAÇÃO:
A construção identitária do negro a partir das representações midiáticas das religiões afro-rio-grandenses



PORTO ALEGRE
2017

KETLYN COUTO

BRANQUITUDE E MIDIATIZAÇÃO:
A construção identitária do negro a partir das representações midiáticas das religiões afro-rio-grandenses

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Relações Públicas.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Monica Pieniz

PORTO ALEGRE

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Couto, Ketlyn
BRANQUITUDE E MIDIATIZAÇÃO:A construção identitária do negro a partir das representações midiáticas das religiões afro-rio-grandenses / Ketlyn Couto. -- 2017.
107 f.
Orientadora: Mônica Pieniz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Relações Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. midiatização. 2. identidades culturais. 3. representações midiaticas. 4. branquitude. 5. religiões-afro. I. Pieniz, Mônica, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KETLYN COUTO

BRANQUITUDE E MIDIATIZAÇÃO:
A construção identitária do negro a partir das representações midiáticas das religiões afro-rio-grandenses

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Relações Públicas.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Monica Pieniz.

Aprovada pela banca examinadora em: ..... de ..... de 2018.

Banca examinadora:

_____

Prof.ª Dr.ª Fabiane Sgorla

_____

Prof. Me. Eráclito Pereira

_____

Orientadora – Prof.ª Dr.ª Monica Pieniz

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aos meus pais espirituais, meus orixás, que me permitiram chegar até aqui e são os responsáveis por todas as minhas vitórias. Em especial à minha mãe Oyá, dona do meu orí.

Aos meus pais carnais pela força, pelo amor e por me apoiarem em todas minhas escolhas e decisões, principalmente durante toda a trajetória acadêmica. Se hoje estou concluindo o ensino superior é por vocês.

Às amizades que construí e levarei para o resto da minha vida. Em especial Andressa, Joana, Tatiane, Marilia, Carolina, Thuani, Claudia, Graziela, Demetrio, Katiuscia e Gabriela. Obrigada por mostrarem o verdadeiro significado da palavra amizade, amo vocês.

À orientadora Mônica Pieniz pela dedicação, pelo apoio, pela paciência e principalmente pela motivação. Parte da minha força pra concluir este trabalho veio de ti. Muito obrigada por dividir comigo o teu conhecimento e pelos conselhos, levarei para a vida.

Aos familiares pelo carinho e pelo apoio. Vocês são minha base e é por vocês, também, que eu cheguei até aqui. Em especial ao meu padrinho Mário Fernando (*in memorian)* e minha avó Anália (*in memorian)*, sei que estão muito orgulhosos de mim.

Ao amor, pelo carinho, incentivo, compreensão e paciência. Obrigada por ser essa pessoa sensacional que eu tenho o prazer de conviver. Te amo.

Aos amigos de longa data por compreenderem minha ausência, pelo apoio mesmo à distância e por permanecerem ao meu lado.

Ao Ilê Bará Agelú, na figura de Aline Cavali e Richard Cavali, pela grande participação neste trabalho e por serem responsáveis pelo meu amor pela religião afro.

Aos colegas e amigos de trabalho que acompanharam não só o final desta trajetória, mas todo o processo do TCC. Obrigada pela compreensão, parceria e por ouvirem meus lamentos.

À negrada da UFRGS pela parceria, apoio e conselhos. Vocês fizeram com que eu não me sentisse só durante esse período, obrigada pelos debates, pelas conversas, pelas risadas. Sou porque somos, e continuaremos sendo. Nós por nós!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo conhecimento transmitido ao longo desses anos, através de professores maravilhosos que tive o prazer de conviver e aprender.

Enfim, a todos que estiveram comigo durante essa trajetória. Cada um de vocês foi de extrema importância para que tudo acontecesse.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral investigar a percepção de diferentes públicos sobre religiões de matriz afro a partir do processo de midiatização dos vídeos *Teledomingo 2000 Satanismo e Magia Negra* e *Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras*. Considera-se aqui o processo de midiatização como um dos responsáveis pela construção identitária dos sujeitos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram pesquisa documental, entrevista e questionário. As entrevistas foram realizadas especificamente com afro-religiosos. Quanto ao questionário, este foi realizado com diferentes públicos, relacionados ou não com a religião. Através da análise feita neste trabalho, constatou-se que a midiatização das reportagens, a partir da sua codificação mediada pela branquitude, influencia na construção da imagem do negro na sociedade. Frente a isso, propõe-se às instituições midiáticas maior reflexão e revisão diante da codificação por elas propagada.

Palavras-chave: midiatização; identidades culturais; representações midiáticas; branquitude; religiões afro

ABSTRAC T

The main objective of this paper is to investigate how different audiences perceive religions of African origin, considering how the videos *Teledomingo 2000 Satanismo e Magia Negra* and *Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Re ligiões Afro Brasileiras* were covered by the media. The process of mediatisation is considered as the one responsible for individuals' identity construction. Furthermore, documentary research, interview and questionnaire were the methodological procedures chosen during this study. All interviews were made with afro-religious people. Different audiences were asked to answer the questionnaire, which means they were not necessarily related to the religion aforementioned. The author concludes that the two stories covered by the media directly influenced in the black identity construction, specifically after those stories' encoding had been mediated by whiteness. Consequently, this paper proposes that the media should be more engaged with reflection and revision of its stories before they are publicised.

Keywords: mediatisation; cultural identities; media representation; whiteness; religions of African origin

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Diferenças entre Umbanda e B atuque **..... 33**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro das mediações 16
Figura 2 - Tabela Censo IBGE 20 10 Religiões 28
Figura 3 - Percentual de pessoas U mbandistas e Candomblecistas na população 29
Figura 4 - População residente decl arados de religiões de matriz africana 30
Figura 5 - População residente declarados de Umbanda e Candomblé 30
Figura 6 - População residente declarados de Umbanda 31
Figura 7 - População residente declarados de Candomblé 31
Figura 8 - População residente declarados de outras religiões de matriz afro 32
Figura 9 - Cor ou raça: divisão quantitativa da população brasileira 40
Figura 10 - Postagem com a convocação para a reunião da CCJ 46
Figura 11 - Comentários na postagem com a convocação para a reunião da CCJ 46
Figura 12 - Processo de midiatização dos vídeos 47
Figura 13 - Vinheta “celebração do mal” 49
Figura 14 - Homem encapuzado 50
Figura 15 - Pai Paulinho do Xoroquê 50
Figura 16 - Homens tocando tambor 51
Figura 17 - Preparo magia negra 51
Figura 18 - Sacrifício da ave 52
Figura 19 - Representação de Lúcifer 52
Figura 20 - Pai Paulinho em frente a representação de Lúcifer 53
Figura 21 - Pessoas vestidas de preto dançando 53
Figura 22 - Cruz e Velas 54
Figura 23 - Rosto da representação de Lúcifer 54
Figura 24 - Escravizado prisioneiro 55
Figura 25 - Família Negra 55
Figura 26 - Antropóloga 55
Figura 27 - Roda de Batuque 56
Figura 28 - Amalá para Xangô 57
Figura 29 - Paulinho do Xoroquê em frente ao cemitério 57
Figura 30 - Representação de Lúcifer 58
Figura 31- Jorge Verardi 58
Figura 32 - Quarto de Santo 59
Figura 33 - Paulinho do Xoroquê oferendas no cemitério 59
Figura 34 - Paulinho do Xoroquê oferendas para Lúcifer 60
Figura 35 - Oferendas no cemitério 60
Figura 36 - Comida dos orixás 60
Figura 37 - Gráfico Idade dos Respondentes 63
Figura 38 - Gráfico Gênero dos Respondentes 63
Figura 39 - Gráfico Cor/ Raça dos Respondentes .....
Figura 40 - Gráfico Escolaridade dos Respondentes .....
Figura 41 - Gráfico Religião/ Culto dos respondentes 65
Figura 42 - Gráfico Realidade dos Vídeos 69
Figura 43 - Nuvem de palavras 72

Figura 44 - Gráfico Percepção do Vídeo 72
Figura 45 - Processo de recepção a partir das mediações 78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12
2 DOS MEIOS ÀS MEDIAÇÕES 15
2.1 Mapa das mediações 15
2.2 A tecnicidade refletida em uma sociedade em vias de midiatização 17
2.2.1 Concepções sobre a midiatização 18
1.2.2 Midiatização e religião 22
3 AS IDENTIDADES CULTURAIS COMO MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO COM OS PRODUTOS 25
3.1 Identidades culturais 25
3.2 Religião afro-rio-grandense 27
3.2.1 Umbanda 32
3.2.2 Batuque 33
3.3 Branquitude como ponto crucial da identidade racial no Brasil 36
3.4 Construção identitária dos negros na mídia 39
4 REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DAS RELIGIÕES AFRO-RIO-GRANDENSES 43
4.1 Metodologia 43
4.2 Sobre a escolha dos vídeos analisados 45
4.3 Descrição dos vídeos 48
4.3.1 Primeiro vídeo 48
4.3.2 Segundo vídeo 54
4.4 Análise dos vídeos 61
4.5 Descrição dos dados coletados por meio de questionário 62
4.5.1 Dados pessoais 63
4.5.2 Conhecimento sobre religião 65
4.5.3 Percepção 68
4.6 Descrição dos dados coletados na entrevista 76
4.7 A construção da identidade do negro a partir da midiatização 77
4.7.1 Codificação 77
4.7.2 Decodificação 80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 89
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO 95
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM RELIGIOSOS 101

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a religião ocupa um espaço privilegiado na sociedade. Diversos estudos apresentam a religião como uma das instituições responsáveis pela formação social e é através dela e de outras mediações sociais que o homem se constrói como individuo. Dessa forma, é uma instituição capaz de reconfigurar culturalmente a sociedade. Além da religião, outra instituição também responsável por dar sentidos às relações sociais: a mídia. Sabemos que parte do que somos da nossa identidade, passa pela mídia. Mídia e religião, portanto, formam o contexto desta pesquisa.

Desse modo, utilizamos a pesquisa bibliográfica para refletir sobre os conceitos de mediações, midiatização, identidades culturais, branquitude e religiões afro, pois os consideramos essenciais na discussão desse contexto. Acredita-se que, se a religião está atrelada ao processo de uma sociedade em vias de midiatização, é capaz de ter ainda mais influencia sobre a vida dos sujeitos.

Além disso, as novas tecnologias abrem um leque de possibilidade para o consumo de conteúdos ligados ao tema. As redes sociais ocuparam um espaço até então ocupado pela mídia massiva, TV e rádio. Basta um clique e todo o mundo poderá acessar o conteúdo postado. Foi assim que aconteceu com o objeto empírico desta pesquisa: os vídeos "Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra" e "Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras". Tais vídeos foram escolhidos pelo entendimento de que a mídia se instaura e afeta as formas de vida social através da maestria de origem informacional. Através das possibilidades desse novo contexto de midiatização nas redes sociais, uma reportagem, que teve sua origem na televisão, em um programa hoje extinto, toma uma grande repercussão, causando ressignificações e reinterpretações do seu conteúdo. Tudo isso levando à construção equivocada da imagem de um povo.

Partindo do pressuposto de que a midiatização também é responsável pela construção identitária da sociedade, temos como questão de pesquisa: como se constrói a representação identitária do negro a partir da codificação e da decodificação de conteúdos midiáticos relacionados às religiões afro? Diante disso, o objetivo geral é investigar a percepção de diferentes públicos sobre religiões de matriz afro a partir do processo de midiatização dos vídeos "Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra" e "Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras". Produzido pelo já extinto programa Teledomingo, uma revista eletrônica exibida pela RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, o programa teve sua exibição entre o ano de 1997 e 2015 nas noites de domingo, logo após o Fantástico. Suas reportagens possuíam um cunho sensacionalista.

Para o alcance do objetivo geral e resposta à questão de pesquisa, elencamos os seguintes objetivos específicos: (1) Averiguar os conteúdos apresentados nos vídeos "Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra" e "Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras"; (2) Compreender como os respondentes obtêm / constroem repertório/ buscam informações sobre religiões de matriz afro; (3) Analisar as percepções do público em geral sobre a representações midiáticas dos vídeos; (4) Compreender a visão de religiosos de matriz afro sobre a midiatização das religiões (5) Analisar/compreender a importância da representação midiática para a construção da identidade do negro.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, apresentamos, no Capítulo 2, reflexões teóricas sobre mediações comunicativas da cultura e midiatização, até chegar à discussão sobre midiatização e religião. Interessa-nos o conceito de Mediação de Martín-Barbero (2003), como o que está entre o produto midiático e a sua produção e recepção. As quatro mediações principais por ele expostas - tecnicidade, ritualidade, socialidade e institucionalidade - evidenciam diferentes instâncias que demandam atenção dos pesquisadores.

Dentre elas, a institucionalidade nos é útil para pensar a mídia massiva como instituição, assim como a religião. Já a mediação da tecnicidade é relevante por ser a mediação que permitiu a construção deste problema de pesquisa. Afinal, foi através de uma postagem numa plataforma de vídeos que a reportagem do programa Teledomingo aqui analisado - e já extinto -, voltou a circular na sociedade. Para pensar mais especificamente a mediação da tecnicidade, colabora a noção de midiatização, a qual explica um pouco da transição de uma sociedade midiática para uma em vias de midiatização – e consideramos que os vídeos aqui utilizados são uma materialização desse cenário.

Já para pensar a mediação da socialidade, apresentaremos no Capítulo 3 conceitos ligados à identidade cultural, às religiões de matriz afro, à branquitude e à construção do negro na mídia. Entendemos que toda a reflexão sobre identidades culturais é essencial, especialmente no que tange à identidade racial – aqui com ênfase para o conceito de branquitude. Na sequência, o Capítulo 4 aborda a metodologia, composta pelas técnicas de pesquisa documental, questionário e entrevistas. Além disso, apresenta o nosso objeto de estudo, as reportagens televisivas do jornal Teledomingo, e discute os resultados obtidos a partir da coleta e da análise dos dados. Por fim, no Capítulo 5 serão mostradas as considerações finais sobre o estudo, a fim de alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa e dissertar sobre suas principais conclusões.

Sabemos que este recorte de análise a partir destes dois vídeos é apenas um exemplo da dimensão da representação identitária e da circulação de sentidos que está presente no nosso cotidiano, cada vez mais potencializado pelas possibilidades da mediação estrutural da tecnicidade na sociedade contemporânea. Entretanto, mesmo sendo uma pequena parte, é de extrema importância que profissionais da comunicação se debrucem sobre essa temática para que seja possível empreender mais consciência na divulgação de diferentes conteúdos que envolvam a representação identitária. Principalmente, buscando compreender a importância da representatividade na mídia como forma de construção de sentido, reforçando estereótipos não satisfatórios e não representativos da maioria ou construindo novos sentidos a partir de novos textos que terão visibilidade midiática.

Como diz Stuart Hall (2006), questionar ou desconstruir já é criar novos textos. Dessa forma, o estudo pretende atualizar a questão da teoria da codificação/decodificação, sabendo que há pressões institucionais da codificação e da branquitude que podem permear esta questão.

Tornando-a discutível e visível no âmbito acadêmico, podemos refletir a produção e a leitura dominante desejada: uma leitura de respeito e inclusão, responsabilidade social de estudantes da comunicação de uma Universidade Federal. Como uma aluna cotista, negra e afro-religosa devo à sociedade esse retorno, de questionar e trazer à tona trabalhos que evidenciem o negro, que questionem e problematizem questões de branquitude, que são de extrema valia para a construção identitária da negritude.

Se a identidade se constrói na diferença, devemos eleger, editar, optar por uma representação que mostre uma diferença que agregue, que construa, que mostre a riqueza cultural do nosso país. Sabemos que esta é apenas uma parte, mas entendemos que é esta a parte que nos cabe e tomamos isso como uma responsabilidade.

2 DOS MEIOS ÀS MEDIAÇÕES

As mediações, segundo Martín-Barbero (2003), são áreas que se encontram entre a produção e a recepção. A comunicação vista a partir dessa perspectiva implica a compreensão entre o processo de produção e recepção e o espaço em que a cultura cotidiana se materializa, ou seja, procurar entender onde se constituem os novos modos de interpelação dos sujeitos, modos estes que dão coesão à sociedade. Para isso, apresentaremos no Item 2.1 o mapa das mediações, o qual servirá de guia para o presente estudo. O Item 2.2 refere-se à tecnicidade na sociedade em vias de midiatização, os novos âmbitos de midiatização, a evolução tecnológica afetando diretamente a comunicação e os modos de nos relacionarmos - um tema pertinente para a compreensão das construções sociais a partir das mediações. Por fim, o Item 2.2.1 que trata sobre midiatização e religião, apresenta estudos relevantes sobre o assunto e destaca nosso objeto de estudo, a religião afro.

2.1 Mapa das mediações

Os adventos tecnológicos transformaram os modos de se comunicar. Os meios de comunicação possuem mais de uma funcionalidade e tiveram que se adequar aos novos modos de intermediação. Porém, nem só de técnicas e de meios vive a comunicação. Martín-Barbero (2003) possui uma visão crítica daqueles que confundem técnicas e meios com comunicação, assim como dos que consideram as técnicas como uma parte exterior ou acessória à mesma. Atualmente, é comum a estes meios não demonstrarem apenas as representações existentes, mas também criarem um novo modo na vida pública, na qual as ações são feitas nos meios e pelos meios, como é o exemplo da Internet.

Tratando-se de representação, Martín-Barbero (2003) acredita que os meios de comunicação constituem espaços-chaves de concentração de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alerta contra o pensamento único que elege a tecnologia como o grande mediador entre as pessoas e o mundo. Apesar de a tecnologia transformar o modo como nos comunicamos, tornando-o mais intenso e acelerado, é preciso atentar para outras questões importantes no processo de comunicação. Nesse sentido, buscando reconhecer as novas complexidades nas relações entre comunicação, cultura e política e traçar um mapa de mediações, o autor apresenta a seguinte proposta, ilustrada na Figura 1.

Figura 1 - Quadro das mediações

Fonte: Martín-Barbero, 2003, p. 16.

O mapa das mediações apresenta-se sobre dois eixos: o diacrônico e o sincrônico. O diacrônico está interligado pelas Matrizes Culturais (MC) e pelos Formatos Industriais (FI). Já o sincrônico, entre Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção/ Consumo (CR). As relações entre MC e LP estão relacionadas diretamente por distintos modos de institucionalidade; já as relações entre MC e CR estão relacionadas por diversas formas de socialidade. Já as relações de LP e FI encontram-se mediadas pela tecnicidade, e, por fim, nas relações entre FI e CR está a mediação da ritualidade. De acordo com o nosso objeto de estudo, no presente trabalho vamos tratar a relação entre LP e MC, LP e FI e MC e CR, ao abordar, respectivamente, a institucionalidade, a tecnicidade e a socialidade relacionadas com esses eixos, como já citado na introdução deste Capítulo. A ritualidade, no entanto, que liga os FI às CR, não faz parte da nossa análise, apesar de reconhecermos a importância dessa mediação para a análise das relações das pessoas com os meios.

Ainda conforme Martín-Barbero (2003), a *institucionalidade* é apresentada como uma mediação densa, com interesses e poderes opostos - e que tem afetado, e continua afetando, a regulação dos discursos e dos meios, assim como do Estado e dos cidadãos. É, também, conhecida pela área na qual atuam o Estado, os poderes, as empresas, as organizações sociais e as instituições que representam a realidade das minorias e das maiorias. Aqui temos a mídia massiva, produtora dos vídeos em questão neste trabalho, e a instituição religiosa como os principais exemplos envolvidos dessa mediação.

A *socialidade* diz respeito às formas de interação e relações cotidianas dos sujeitos - lugar "de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder" (MARTÍN- BARBERO, 2003, p.17). Tal mediação está presente neste trabalho quando refletimos a respeito das percepções das

pessoas sobre o conteúdo dos vídeos, de seu repertório cultural e de suas identidades culturais.

Por fim, o autor apresenta a *tecnicidade,* que remete à construção de novas práticas comunicacionais através das diferentes linguagens dos meios. Ela é responsável por indicar os modos como a tecnologia vai moldar a cultura. Tal mediação é vista aqui como central para a discussão do problema de pesquisa, não somente por estar diretamente relacionada à mídia, mas por trazer à tona um exemplo de circulação de conteúdos na sociedade contemporânea a partir das possibilidades técnicas. E, por esse tipo de centralidade, é evidenciada no objeto a que nos dedicamos nesta monografia. Sobre o tema, importa destacar que Martín-Barbero (2010) reconheceu tal mediação como estrutural na sociedade contemporânea, ao explicar que:

> "É mesmo o lugar da cultura que muda na sociedade quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser instrumental para tornar-se mais espessa, mais densa, e se converter em estrutural. Pois a tecnologia remete hoje não somente,e não tanto, à novidade dos aparatos, mas a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras. [...] a tecnologia deslocaliza os saberes,modificando tanto o estatuto cognitivo como o institucional [...]o que está conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artificialidade, arte e ciência [...]" (p. 49, tradução nossa).

Vemos, portanto, que a tecnicidade e a institucionalidade estão diretamente ligadas às lógicas de produção e afetam, consequentemente, os conteúdos emitidos e sua relação com as audiências. Diante disso, entendemos que a noção de midiatização colabora para elucidar a mediação da tecnicidade, sendo uma das formas teóricas contemporâneas para detalhar os fenômenos.

2.2 A tecnicidade refletida em uma sociedade em vias de midiatização

Nesta seção, analisamos a midiatização como um agente da construção social e procuramos apresentar suas transformações e suas formas de impacto na sociedade até chegarmos ao recorte da midiatização da religião. Desse modo, serão abordadas as novas ambiências nas quais se encontram a midiatização e as codificações que transitam através dela, para, por fim, conceituar a relação de midiatização e religião, dando enfoque para a religião de matriz afro, objeto de estudo do presente trabalho. A fim de compreender como os avanços tecnológicos operam no âmbito midiático, entendemos aqui que a midiatização está ligada à mediação da tecnicidade e seu reflexo na contemporaneidade.

2.2.1 Concepções sobre a midiatização

São muitas as concepções acerca da midiatização. Interessa-nos, no entanto, uma abordagem essencial, que dê conta de uma explicação inicial para compreendermos o contexto no qual o nosso objeto de estudo está inserido. De forma concisa, Hjarvard (2012) define midiatização como o conceito-chave para a compreensão da influência da mídia na cultura e na sociedade. Aprofundando a discussão sobre sua origem e à luz de Rodrigues (1997), Sgorla (2009) conceitua a midiatização como múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais e meios de comunicação sociais tradicionais.

Já Borba e Baldissera (2009) afirmam que a midiatização está relacionada à interação social e a seus contornos de influência, que estão em constante movimento devido ao desenvolvimento tecnológico. Ao encontro disso, podemos relacionar o pensamento de Fausto Neto (2008), ao expor que a midiatização resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais - um assunto atual e que chama atenção devido aos modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas. Nesse sentindo, também, estariam presentes as mediações, as quais Sodré (2006, p.20) relaciona com a midiatização da seguinte forma: "[...] uma ordem de mediações socialmente realizadas - um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomediações - caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *médium*".

Ao aplicar o termo "prótese" à *medium*, o autor não quer dizer que este dispositivo esteja separado do sujeito, mas que ele se configura como uma extensão, um instrumento manipulável, uma nova ambiência, a qual possui um código próprio e sugestões de condutas - que possui uma potencialidade de modificação da realidade vivida. Ou seja, trata-se do modo como a mídia se instaura e afeta as formas de vida social, através da maestria de origem informacional.

Ao citar Giddens (1997), Sodré (2006) diz que o autor considera tal processo midiático como "Reflexividade institucional", ou seja, o uso sistemático da informação com a intenção de reprodução de um sistema social – este último defende que a midiatização não se trata somente da ocupação da mídia em outros campos, mas também, da união de múltiplas instituições com as várias organizações de mídia. Por fim, caracteriza a midiatização como um novo *bios*, uma quarta esfera existencial, ou "uma nova tecnologia perceptiva e mental, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade" (SODRE, 2006, p.23). Desse modo, podemos compreender a importância da midiatização na

construção e na propagação de sentido na sociedade. Ou seja, podemos considerar a midiatização como uma manifestação da mediação estrutural da tecnicidade.

Mais do que expansão dos dispositivos midiáticos, pode-se dizer que a midiatização possui um papel significativo na construção da cultura. Como as demais mediações apresentadas por Martín-Barbero (2003), a midiatização sugere que a mídia vai penetrando e fluindo em todos os espaços da vida humana, entrelaçando-se às outras mediações. Para além do vínculo com os meios de comunicação de massa, a midiatização está interligada às relações sociais e ao modo como a sociedade utiliza e se apropria de discursos disseminados pela mídia. Porém, não é pensada de forma isolada, mas como uma ferramenta relacionada a diversos fatores vigentes nos campos sociais.

Se, anteriormente, a propagação de informações era feita pelos meios de comunicação de massa, com o desenvolvimento tecnológico essa propagação se altera: munida com o acessível e habitual uso da internet, qualquer pessoa pode se tornar um produtor e disseminador de informação. Algo que hoje é natural, e faz parte do cotidiano social, transformou a sociedade midiática – na qual os meios eram detentores de informações - em uma sociedade midiatizada ou em vias de midiatização, em um contexto no qual tanto o emissor quanto o receptor possuem o poder de influenciar o conteúdo comunicado.

Fausto Neto (2008, p.93) diferencia a sociedade midiática da midiatizada da seguinte forma:

> "[...] na primeira as mídias estariam a serviço de uma organização de um processo interacional e sobre o qual teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos. Na segunda, a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sóciotécnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade."

O surgimento da tecnologia digital facilitou o processo de reprodução e de circulação de formas simbólicas. Essa disseminação midiática, que antes realizada exclusivamente pelos meios massivos, hoje ocorre também em um espaço virtual, onde há relações e interações sociais. Assim, a produção e a distribuição de produtos simbólicos por parte dessas corporações mudou os fluxos de comunicação na sociedade, tanto entre instituições quanto entre instituições e indivíduos. (HJARVARD, 2012, p.59). Fausto Neto (2009) acredita que o desenvolvimento das tecnologias transformadas em meios de comunicação causam alterações nos processos sociais, técnicos e discursivos, acarretando, assim, mudanças na própria ambiência, nos processos, nos produtos e nas interações entre indivíduos e na organização das instituições sociais. Contextualizando historicamente a midiatização, o autor descreve esse espaço de mudança da seguinte maneira:

> "A convergência de fatores sócio-tecnológicos, disseminados na sociedade segundo lógicas de ofertas e de usos sociais produziu, sobretudo nas últimas três décadas, profundas e complexas alterações na constituição societária, nas suas formas de vida, e suas interações. Ocorre a disseminação de novos protocolos técnicos em toda a extensão da organização social, e de intensificação de processos que vão transformando tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a "cultura da mídia". Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações." (FAUSTO NETO, 2008, p.92).

A midiatização desbrava o ciberespaço, sendo posta como "tendências à virtualização das relações humanas", conforme apresentado por Sodré (2006). Assim, é possível perceber a ascendência das redes sociais na internet no cenário social. Um espaço onde podemos compartilhar ideias, divulgar informações e até mesmo gerar movimentos, com todos aqueles que estão conectados conosco. Nesse espaço, todos somos teoricamente e potencialmente livres, pois o usuário pode expressar suas opiniões da maneira que quiser. Uma simples publicação ou comentário pode circular por diversos países rapidamente. O que pode trazer benefícios, como visibilidade, comentários positivos, mas também pode acarretar em danos, como comentários negativos e injuriosos.

Assim, o contexto tecnológico em que estamos inseridos traz uma visão de mundo na qual a sociedade produz o discurso que consome. Anteriormente, os meios de comunicação tradicionais eram os principais responsáveis por disseminar notícias. Hoje, a mídia está em qualquer lugar e os acontecimentos são rapidamente compartilhados na *web* por qualquer indivíduo que possua um celular com câmera na mão. Segundo Borba e Baldissera (2009), é através dessas novas ordens de interações e meios para a sua reprodução que a midiatização dos processos de produção simbólica vai alternando formas de percepção e formação de valores e de opiniões na sociedade.

Porém, essa facilidade de informação gera ruídos de comunicação, o que compromete a confiabilidade da fonte. Wolton (2010) critica a ideologia tecnicista que atribui um poder normativo e excessivo às tecnologias de comunicação transformadas em principal fator de organização e de sentido na sociedade. Muitas vezes, somos impactados por informações falsas que são capazes de mudar nossas decisões e de influenciar no decorrer do nosso dia, como é caso de circulação de *fakenews*, que já ocasionaram linchamentos e até morte de pessoas inocentes. Isso ocorre devido à forma e ao contexto em que essas informações foram recebidas e interpretadas pelos indivíduos que as receberam. Outro fator relevante para a

midiatização na Internet é a perpetuação de informação, rastro que deixamos no mundo virtual. Um comentário em uma publicação ou uma foto divulgada por um amigo podem permanecer na *web* por anos, mesmo contra nossa vontade.

Por mais que as mídias digitais tenham facilitado nosso acesso à informação, é necessário que haja uma utilização cuidadosa, um filtro e uma interpretação consciente de qualquer tipo de conhecimento que recebemos na Internet. A circulação de representações equivocadas, por exemplo, pode colaborar para a determinação dos "padrões" aceitos na ordem social. Ao expor seu pensamento sobre o impacto social da midiatização, Hjarvard afirma que:

> "As representações da realidade nos meios de comunicação assumiram uma posição tão dominante na nossa sociedade que tanto nossas percepções e construções da realidade, quanto nosso comportamento têm seu ponto de partida em representações mediadas e são guiados pelos meios de comunicação, de modo que fenômenos como a guerra já não são mais como eram antes." (2012, p.62)

Além disso, o autor acredita que "as mídias são coprodutoras de nossas representações mentais, de nossas ações e relacionamentos com outras pessoas em uma variedade de contextos privados e semiprivados [...]" (2014, p.23). Ou seja, as representações mentais não necessariamente corresponderão à realidade, mas serão, muitas vezes, estereótipos criados pela mídia. Dessa forma, é comum se deparar com informações manipuladas no campo político, por exemplo.

Uma informação, quando apresentada pelos meios de comunicação, é capaz de configurar determinados sentidos na codificação e de interferir na recepção do indivíduo.
Ainda para Hjarvard (2012) a midiatização tenha complicado as distinções entre a realidade e as representações midiáticas da realidade, pois, uma mensagem só ganha sentido a partir do que o indivíduo faz com ela - e isso depende da forma como ele irá receber, interpretar e, então, se apropriar dessa informação.

Como um detalhamento nesse sentido, podemos relacionar tal ideia aos estudos de Hall (2003), que afirma que o significado não pode ser considerado algo fixo, pois os processos de codificação e decodificação são, e ao mesmo tempo não são, determinados pelos propagadores das mensagens. Aqui, podemos considerar a institucionalização da mídia, conceito apresentado anteriormente por Hjarvard (2014). Os meios de comunicação, por exemplo, são capazes de definir sobre o que se vai falar, mas não de que forma o assunto será tratado pela audiência.

Ao disseminarmos alguma informação na *web*, não sabemos a proporção, nem mesmo a repercussão, que ela poderá tomar - muito menos a forma como as pessoas irão compreender

a mensagem. Nesse sentindo, Hall (2003) diz que a audiência é, ao mesmo tempo, fonte e receptora da mensagem, por ser uma influência naquilo que é produzido. Logo, para que as mensagens surtam algum efeito, é necessário que os signos sejam decodificados, pois é esse conjunto de signos decodificados que irá construir os resultados. Para o autor, em sua teoria da codificação/decodificação, há três principais tipos de decodificação da mensagem: **dominância**, **negociação** e **oposição.**

Quando se refere à dominância, o receptor recebe e interpreta a mensagem pelo modo como veículo de comunicação/produtor quis transmitir. O produtor cria um conceito e ele é acatado pelo receptor. Na decodificação de negociação, que acontece na maioria das vezes, o indivíduo não possui nenhuma posição forte de aceitar ou recusar prontamente a ideia transmitida. Por fim, na oposição, a mensagem não é aceita pelo receptor, que se opõe ao significado atribuído pelo produtor. Segundo o autor, é nesse momento que se inicia a luta pelo discurso.

Logo, nem sempre a mensagem será recebida da mesma forma por todos, pois isso depende dos diversos mediadores do processo, ou seja, das diferentes mediações entre a produção e a recepção, conforme Martín-Barbero (2003). Isso dá margem para pensarmos que um conteúdo pode acarretar "má compreensão" na troca comunicativa. O mal-entendido ocorre, por exemplo, quando os telespectadores não estão operando dentro do código preferencial ou dominante. Isso acontece quando uma mensagem é direcionada a um público específico, mas acaba sendo acessada também por um público maior, por exemplo, ou quando há discordância em relação aos conteúdos recebidos.

A Internet nos permite que essas reinterpretações e ressignificações aconteçam constantemente, tendo em vista o volume de informações que circulam a todo o momento. Um discurso lido de uma maneira reduzida, um título de notícia escrita de maneira tendenciosa, unido com a bagagem cultural, princípios e ideologias de um indivíduo, pode mudar completamente uma informação, descaracterizando-a da sua forma original. Diante deste contexto, o próximo item traz reflexões sobre os estudos que relacionam midiatização e religião e sobre a importância de ampliarmos as discussões a esse respeito.

1.2.2 Midiatização e religião

Por afetar diversos campos societários, a midiatização também chega a uma das maiores instituições sociais: a religião, assunto central neste trabalho. Ao pesquisarmos pelos termos "midiatização e religião" obtivemos como resultado diversos estudos sobre o tema,

geralmente abordando os novos modos de "cultuar" a religião cristã. Estudos como de Martino (2016), Borelli (2007), Gasparetto (2010) e Hjarvard (2006), citados a seguir, que apresentam a midiatização como sendo um novo altar, uma nova Igreja para essa religião. Como acontece nos programas de TV religiosos como "Fala que eu te escuto", "Show da fé", "Igreja viva", entre outros.

Borelli (2007), em seu artigo, procura refletir sobre as relações entre a mídia e a religião a partir da ascendência da midiatização na sociedade. A autora acredita que a religião "toma forma" pelos dispositivos midiáticos e por seus contratos, disseminando-se por meio de operações técnicas e simbólicas, e que esse novo modo de expressão da religião ocorre a partir de ofertas organizadas e elaboradas por dispositivos de contato entre o mundo do credo e do fiel.

O trabalho de Martino (2016) aborda a midiatização a partir de estudos culturais de Stuart Hall, mesmo sabendo que estes estudos não possuem um destaque para o assunto. O autor, portanto, ressalta a importância de estudar alguns dos fenômenos contemporâneos direcionados para as relações entre mídia e religião, atrelados às questões de identidade. Assim, acaba delineando algumas possibilidades teórico-conceituais de compreensão dos processos de midiatização da religião, a partir da perspectiva de articulações identitárias, focalizando, em particular, nas questões relacionadas ao corpo e à cultura.

Com um estudo sobre a recepção da TV Canção Nova, Gasparetto (2010) examina aspectos do funcionamento do fenômeno da midiatização da religião caracterizada como "comunidades de pertencimento", dando atenção para as suas causas, mas, sobretudo, mostrando experiências televisivas que atravessam o cotidiano dos fiéis, deslocando-os para vivências que se realizariam no interior da comunidade demarcadamente sociorreligiosatelevisiva. E, por fim, Hjarvard (2006) busca compreender como a mídia funciona como um agente de mudança religiosa. É importante destacar que o estudo apresentado por Hjarvard está inserido em outro âmbito social e cultural, mas, mesmo assim, alguns fatores do estudo se encaixam e são relevantes para o presente trabalho.

Mas, afinal, o que os trabalhos e autores acima têm em comum, além de estudar religião e midiatização? Ambos estudam sobre a religião cristã e seus segmentos. O que é comum, pois no Brasil 86,8% da população é cristã, segundo o IBGE 2010. Porém, além de contemplar apenas uma religião, todos os estudos realizados relatam e mostram apenas a parte positiva da religião e como ela interfere no campo social. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo continuar o estudo sobre midiatização e religião, mas com destaque para a religião de matriz afro. Religião que também possui uma relevante parcela de

fiéis no país, principalmente no Rio Grande do Sul, conforme apresentaremos nos capítulos seguintes.

Geralmente, as referências bibliográficas sobre religião afro trabalham de forma explicativa, como algo que é desconhecido pela sociedade. Como é o caso do livros "Orixás", de Pierre Verger (1981); "As religiões africanas no Brasil", de Bastide (1989); "A Experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé", de Berkenbrock (1997); e, até mesmo, livros regionais, como "O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense", de Norton Correa (2006); e "As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul", de Ari Pedro Oro (1994).

Todos os livros citados anteriormente tratam a religião afro como objeto de estudo, sempre tentando aproximar o espectador do objeto desconhecido. A religião afro não possui uma bibliografia própria assim como o cristianismo tem a bíblia, e o islamismo, o alcorão. Ela é passada de forma oral. Tudo acontece na oralidade, assim como a cultura africana. Se você não pertence, ou desconhece essa religião, é difícil compreendê-la, pois, por mais que o fácil acesso às informações exista, há fundamentos que só se entende e se aprende sendo de uma religião afro. Por isso, o tema sempre é apresentado de forma exploratória, ao contrário das religiões mais populares, que possuem uma inserção na sociedade desde o seu início na escola, nas aulas de ensino religioso, por exemplo. Desse modo, temos o desafio de relacionar os dois campos e de compreender a representação da religião afro-rio-grandense construída a partir de uma amostra de sua midiatização, destacando seus pontos positivos e, principalmente, os pontos negativos dentro do espaço midiático.

3 AS IDENTIDADES CULTURAIS COMO MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO COM OS PRODUTOS

Para pensar a mediação da socialidade, recortaremos o conceito de identidade cultural e o discutiremos, neste capítulo, a partir da reflexão sobre identidade e diferença, as noções de branquitude, e a representação do negro na mídia. Além disso, apresentarmos as religiões afro-rio-grandenses para que se compreenda um pouco da sua história e das suas especificidades como uma manifestação cultural de identidade, recorte desta pesquisa.

3.1 Identidades culturais

Para falarmos sobre identidades culturais, primeiro precisamos expor o pensamento de Hall (2006) em relação às identidades modernas descentralizadas, deslocadas e fragmentadas. De fato, a contemporaneidade interfere na nossa percepção identitária como indivíduo. Diversos fatores sociais impactam nessa formação. A forma com que nos relacionamos socialmente, a mídia e o aspecto histórico são fatores de extrema importância nessa construção.

Para explicar as transformações nas identidades, Hall (2006) aponta três concepções de sujeito, as quais define como o sujeito do Iluminismo, sociológico e pós-moderno, cada um com as suas características específicas O sujeito do iluminismo é definido como "indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação" (2006. p.10), Esse individuo possui a mesma essência identitária desde o seu nascimento. O sujeito do iluminismo também possui sua essência interior, mas é afetado pelo ambiente social no qual está inserido. Já o sujeito pós-moderno possui uma identidade fragmentada, composta por várias identidades que algumas vezes são contraditórias e não resolvidas.

De fato, a identidade é realmente algo construído ao longo do tempo, muitas vezes de maneiras despercebidas, fazendo parte de processos inconscientes. Ela está sempre incompleta, sempre em formação, apresentando processos necessários para a sua existência e para sua manutenção. Tais processos estão divididos em: âmbito social e âmbito simbólico - o âmbito social está relacionado às práticas e às relações sociais, já o âmbito simbólico se refere aos mecanismos que utilizamos para dar sentido a essas práticas e a essas relações sociais, segundo Woodward (2000).

Ainda citando a autora, não existe identidade sem diferença; a marcação da diferença é crucial na construção da identidade. Essa marcação ocorre tanto por meios simbólicos quanto

por meios de sistema de exclusão social. Para afirmar uma identidade, precisamos enxergar as diferenças - o ‘nós e o eles’, ou o ‘eu sou o que o outro não é’. Para Silva (2013), as relações de identidade e de diferença ordenam-se em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. É importante salientar que nessas relações binárias apresentadas pelo autor, sempre há uma “hierarquia” e uma relação de poder de uma perante a outra - algo cultural e estruturalmente imposto na sociedade.

> “Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, "ser branco" não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, "étnica" é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é "sexualizada", não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.” (SILVA, Tomaz Tadeu da, 2013, p.83).

Assim, a identidade e a diferença não são algo natural, mas são criações do pensamento humano; foram criadas e são mantidas por nós. Ou seja, a identidade e a diferença são criações sociais e culturais. O significado e o sentido que damos às práticas e às relações sociais estão totalmente ligados ao nosso histórico de vida. Hall (1997) afirma que, para compreendermos os sistemas de representação, é necessário analisar a relação existente entre cultura e significado, pois as representações são concebidas por meio de significações e de sistemas simbólicos que nos colocam na posição de sujeitos. É todo esse sistema, e seus significados, que dão entendimento às nossas experiências.

Nesse sentido, a mídia é um exemplo de processo de formação de identidade, pois se caracteriza como criadora e disseminadora de sistemas simbólicos que ganham significados a partir da bagagem e da vivência do sujeito. Muito do que somos está no modo como nos relacionamos com o meio - e no modo como o meio nos “devolve” essa relação. Está nas mediações que temos diariamente e que já fazem parte da nossa rotina.

3.2 Religião afro-rio-grandense

Ao procurarmos a palavra religião no dicionário[1] encontramos o seguinte significado: "Reunião dos princípios, crenças e/ou rituais particulares a um grupo social, determinado de acordo com certos parâmetros, concebidos a partir do pensamento de uma divindade e de sua relação com o indivíduo; fé ou culto: religião protestante".

Socialmente falando, podemos considerar a religião como uma instituição responsável pela criação cultural e de processos da vida social; capaz de interferir e recriar de algum modo as relações sociais. Coutinho (2012) caracteriza a religião como a ligação do homem com algo superior ou transcendente, o seu objeto. A definição de religião vai depender do contexto social em que o indivíduo está inserido, por exemplo, um homem nascido na Índia, criado dentro dos costumes indianos, terá o Hinduísmo como a sua religião. Contextualizando o termo, Durkheim (1996) apresenta o seguinte conceito sobre religião: "Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem" p. 32.

O autor dá nome e sobrenome para a definição de religião, Igreja. Porém, a religião vai muito além do espaço católico por ele citado. Existem diversas religiões, doutrinas ou cultos religiosos pelo mundo afora. Já Silva (2014) aborda em seu artigo a religião como um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos, dentro de universos históricos e culturais específicos, e afirma que essa é a definição mais aceitável no meio de pesquisadores, pois abrange todos os sentidos que a palavra religião carrega. Para estudar religião, afirma, é necessário compreender os usos de sentidos, as situações históricas que geram crenças em determinadas culturas.

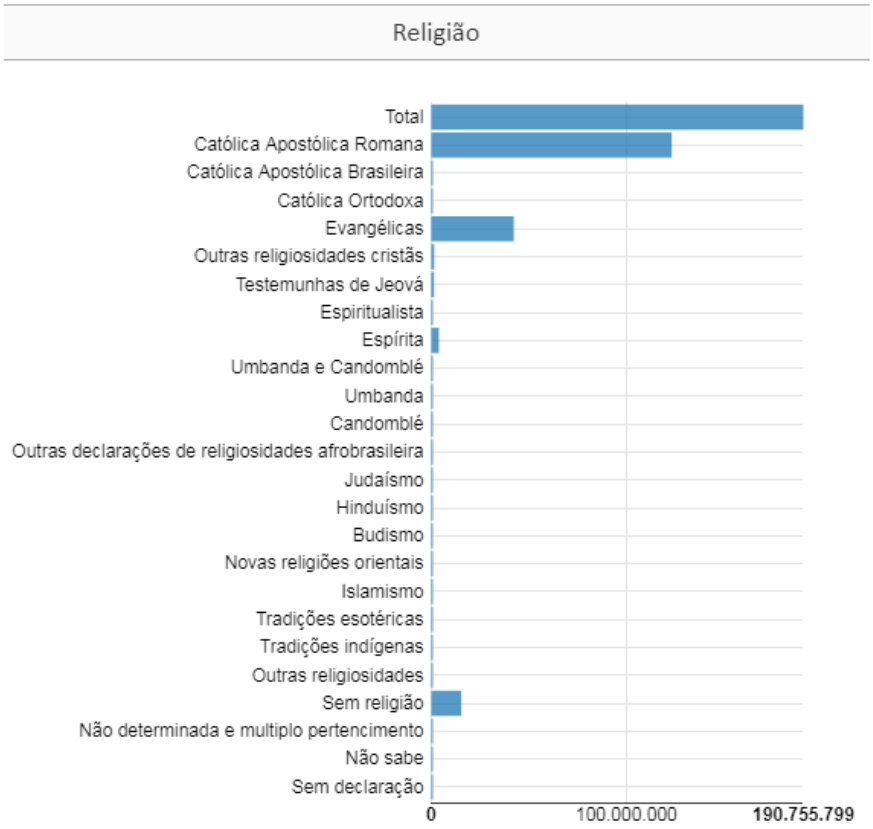
No Brasil, apesar do grande número de pessoas que se intitulam ateias, cada vez mais surgem novas religiões, demonstrando o crescimento da diversidade de grupos religiosos no país. Entre tantas religiões apresentadas pelo censo IBGE 2010, conforme ilustrado na Figura 2, algumas possuem maior destaque na sociedade, sendo elas: Religião Cristã, Evangélica, Espírita e Religiões afro, o nosso objeto de estudo.

As religiões afro-brasileiras, de matriz afro ou africanistas, foram trazidas conjuntamente com a chegada de escravizados para o país, espalhadas por diversas áreas do Brasil e cultuadas de distintas formas. Como *Xangô* em Pernambuco e Alagoas, *Tambor de Minas* no Maranhão, *Batuque* no Rio Grande do Sul, *Macumba* no Rio de Janeiro e

[1] https://www.dicio.com.br/religiao/ acesso em 17 de agosto de 2017

Candomblé na Bahia, como apresenta Oro (2008). Cabe também ressaltar a criação de religiões afro-brasileiras, que é o caso da Umbanda, segundo

Figura 2 - Tabela Censo IBGE 2010 Religiões



Fonte: Censo IBGE 2010

No Sul do Brasil, mais especificamente, Rio Grande do Sul, a religião afro teve seu início com a chegada de escravizados para trabalhar na agricultura, nas estâncias e nas charqueadas, nas regiões de Rio Grande e Pelotas, entre os anos de 1833 e 1859, segundo Corrêa (1988, p.69). A mistura de negros de Nação Bantus, oriundos do Congo, Moçambique, Cabinda, Angola, entre outras regiões, com negros de nações Sudaneses, representadas pelo grupo *Yorubá* [2], também conhecido como *nagô*, dão origem ao que conhecemos hoje como *Batuque.*

Devido à imigração de escravizados e ex-escravizados da região de Pelotas, o *Batuque* chega na capital gaúcha na metade do século XIX e se concentra na zona central da cidade, precisamente no Areal da Baronesa, bairro Cidade Baixa e Colônia Africana e Bacia hoje conhecido como bairro Bom Fim, Mont Serrat e Rio Branco. Locais que eram considerados

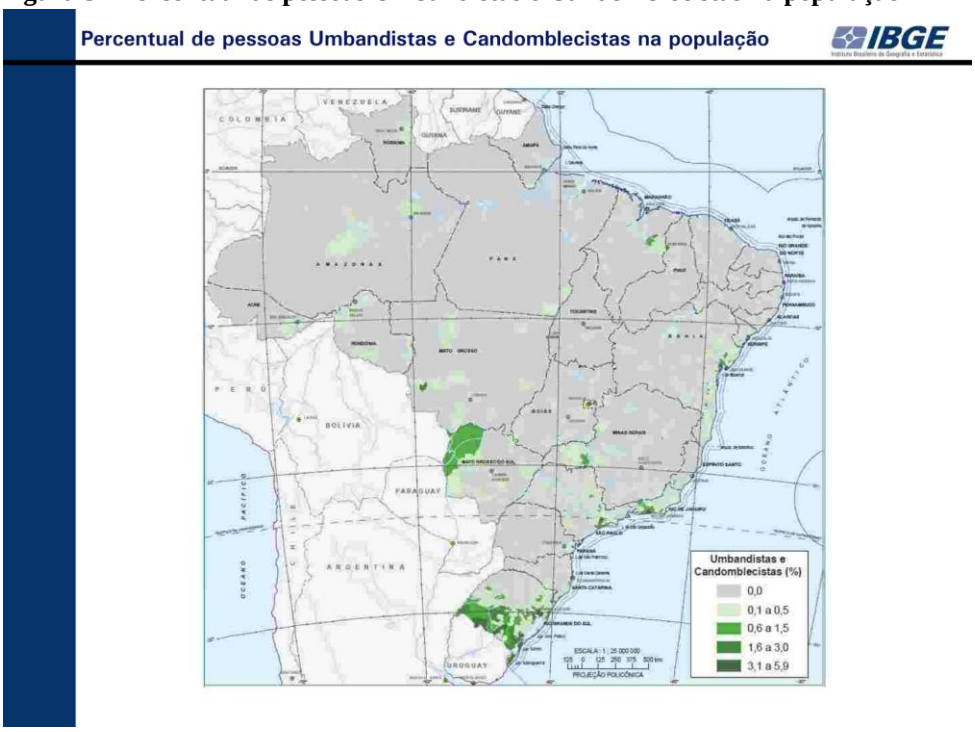
[2] Um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental.

insalubres, pouco valorizados pelos seus donos, vistos pela sociedade como um espaço associado à criminalidade e a vícios, conforme relata Oro (2008).

Com o passar do tempo, com a valorização da área e com o braqueamento da região, a nova vizinhança passou a se incomodar e reclamar dos ruídos dos tambores, resultando em complicações para alguns templos. Assim, aos poucos, os antigos moradores tiveram suas casas adquiridas, de modo que pouquíssimas casas de Batuque permanecessem nestes locais. Outros foram simplesmente expulsos pela prefeitura municipal para bairros extraordinariamente afastados como moradores da Ilhota, que tiveram suas casas demolidas e transportadas, pelos anos 1960, para a Vila Restinga - a quase 40 km do centro, sem água, luz ou transporte, segundo Corrêa (1988, p.112).

O fato fez com que os negros começassem a ocupar novos territórios, hoje conhecidos como periferias e mais afastados da civilização. Os ex-escravizados se deslocaram para bairros como Restinga, Rubem Berta e Partenon, lugares ideais para cultuar tranquilamente os seus orixás. Desse modo, os negros se espalharam pela capital, crescendo, assim, o número de terreiros e de simpatizantes da religião. Foi essa expansão da religião que tornou o Rio Grande do Sul (RS) o estado com maior população autodeclarada de religiões afro, segundo o censo IBGE 2010[3], conforme os gráficos nas Figuras 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

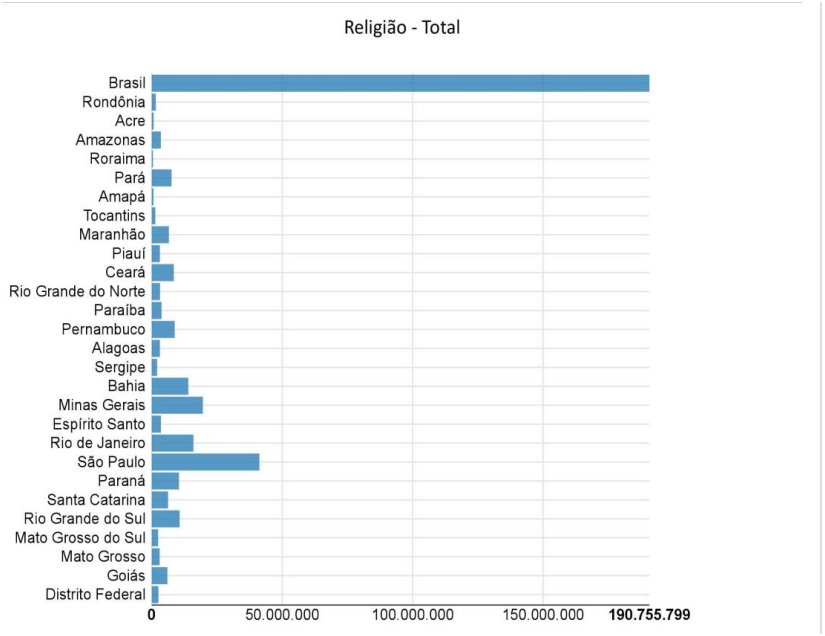
Figura 3 - Percentual de pessoas Umbandistas e Candomblecistas na população



Fonte: Censo IBGE 2010

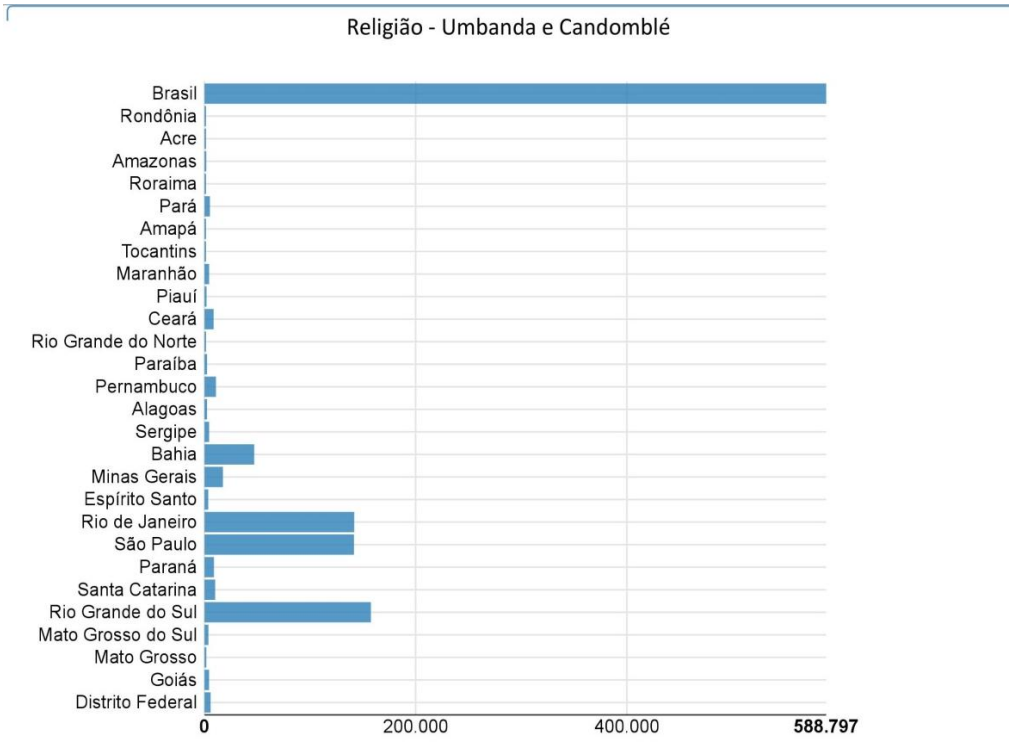
[3] https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/2094#resultado acesso em 20 de agosto de 2017

Figura 4 - População residente declarados de religiões de matriz africana



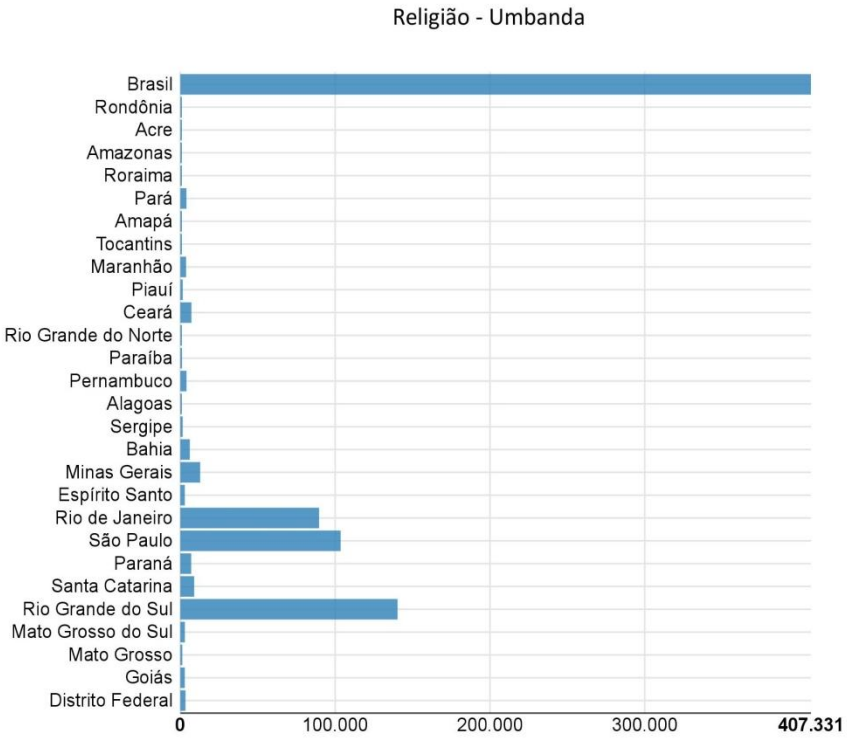
Fonte: Censo IBGE 2010

Figura 5 - População residente declarados de Umbanda e Candomblé



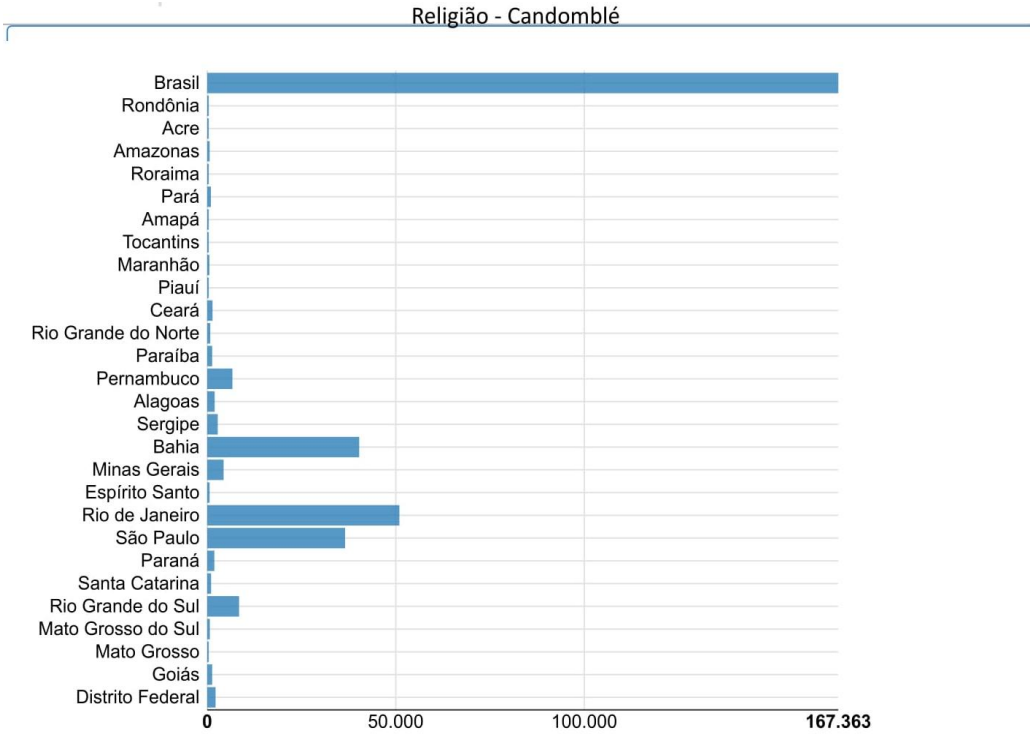
Fonte: Censo IBGE 2010

Figura 6 - População residente declarados de Umbanda



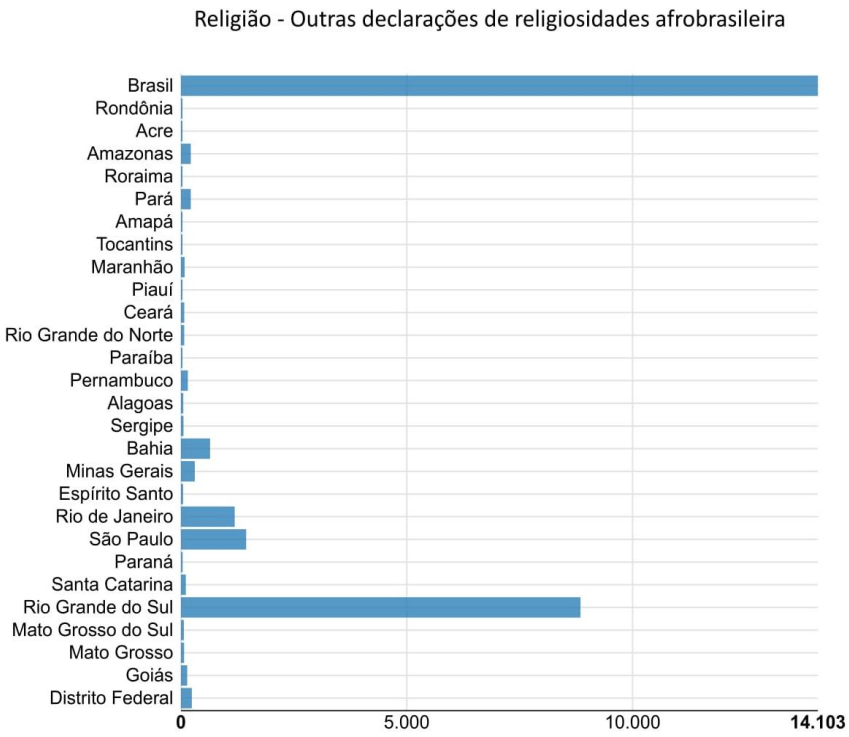
Fonte: Censo IBGE 2010

Figura 7 - População residente declarados de Candomblé



Fonte: Censo IBGE 2010

Figura 8 - População residente declarados de outras religiões de matriz afro



Fonte: Censo IBGE 2010

É possível identificar, nos gráficos representados nas figuras acima, que o Rio Grande do Sul (RS) só não se destaca na amostragem referente ao candomblé, religião cultuada mais ao nordeste do país, principalmente na Bahia. O Estado apresenta maior proporção em relação a outras religiões de matriz afro, pois existem três formas de rituais no RS. Conforme Norton Correa, são denominadas afro-rio-grandense (1988, p.82), pois somente nessa região do país há terreiros que cultuam a linha cruzada - mistura da Umbanda, Quimbanda e Batuque.

3.2.1 Umbanda

Essa religião chegou ao Estado no ano de 1930, segundo Correa (1988), vinda do centro do país. Apesar de ser considerada popularmente como uma religião de matriz afro, a Umbanda possui forte influência da cultura ocidental, indígena e um pouco do Cristianismo - e menos do culto afro, por isso atrai mais brancos de classe média. Dessa forma, é considerada uma religião afro-brasileira, pois é constituída a partir de três religiões/ doutrinas/ ritos. Na umbanda no RS, são cultuados “caboclos”, “pretos-velhos” e “Cosmes” (crianças), aos quais não são realizado sacrifício de animais (Oro, 2002, p.357).

3.2.2 Batuque

Como apresentado anteriormente, o Batuque é uma religião trazida da África ao Estado por escravizados. O nome se dá inicialmente de forma pejorativa ao som que faziam os tambores dos negros em seus rituais. Possui um sacerdote ou uma sacerdotisa, conhecidos como pai/mãe de santo ou babalorixá/yalorixá que é o/a responsável pelo templo, casa de santo. Divide-se em "lados" ou "nações". São elas, *Oyó, Cabinda, Ijexá, Jêje* e *Nagô*. As divindades cultuadas são denominadas orixás. No total, são cultuados 12 orixás, são eles: *Bará, Ogum, Oyá/Iansã, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá*.

Cada orixá representa algum elemento da natureza como rios, matas, mar, pedras, etc. Acredita-se que eles se encontram nesses locais e, geralmente, é onde são ofertadas as oferendas[4].

De forma mais objetiva, Corrêa (1988) diferencia o Batuque da Umbanda, conforme ilustrado na Tabela 1:

Tabela 1: Diferenças entre Umbanda e Batuque

	Umbanda	**Batuque**
1	Elementos da cultural oriental	Elementos culturais Jêje-Nagô[5]
2.	O iniciado sabe da sua possessão e recebe várias linhas (Caboclos, ciganos, pretos-velhos, Cosmes etc)	O iniciado só é possuído por um único orixá, dono do seu orí[6] e não sabe da sua possessão.
3	Vestes brancas como no Kardecismo	Vestes de acordo com a cor do seu orixá

[4] Oferta feita aos orixás de acordo com a estereotipia de cada um. Ex: canjica para Oxum.
[5] Toda religião descente da cultura africana.
[6] Palavra da língua yoruba que significa literalmente **cabeça.**

4	Pode haver ou não sacrifício de animais	Há sacrifício de animais
5	Cantos em Português	Cantos em *Jêje-nagô*
6	Bebidas alcoólicas e tabaco podem fazer parte do ritual.	Não utiliza bebidas alcoólicas
7	Entidades são espíritos já evoluídos por envolver o Kardecimo	Orixás são energias da natureza e assentados em pedra (ocutás)
8	Dependendo da linha pode haver uma bibliografia que a guie.	Não há uma bibliografia que sirva de orientação, fundamento passado oralmente e na prática.
9.	Não há ritual para a morte.	Há ritual para a morte, *aressun*.[7]

Fonte: (CORREA, 1988).

Em relação à tabela, é importante destacar os itens 2 e 4. O Cavalo de Santo, como é nomeado o filho de santo que se ocupa com o Orixá, não sabe da sua ocupação - por isso, em muito terreiros, é proibido tirar fotos ou fazer vídeos durante o rito. Sobre o item 4, que cita o sacrifício de animais, acredita-se que o sangue é o que mantém o Orixá vivo, por isso de tempo em tempo acontecem os serões, ritual no qual são sacrificados animais sobre os ocutás (pedras onde são fixados os orixás) ou na cabeça do iniciado na religião. Vale ressaltar que todos os animais que são sacrificados nos serões são aproveitados. Do couro de um "quatro pé" [8] sai o couro do tambor, da carne saí o *amalá*, um pirão de farinha de mandioca, coberto por um molho de carne de peito e mostarda, comida do orixá *Xangô*, servido na festa em

[7] O rito fúnebre tendo como principal fim, desfazer os vínculos com o orixá pessoal para o qual aquele religioso foi iniciado, o que significa também desfazer os vínculos com toda a comunidade do terreiro, despachar o egum do morto, para que ele deixe o mundo terreno e vá para o mundo espiritual.
[8] Como são chamados os animais que são ofertados aos orixás. Bodes, ovelhas, cabritos.

comemoração à obrigação. Das aves, sai a canja e as demais carnes são doadas às comunidades carentes. Ou seja, tudo é aproveitado.

A festa, o batuque, conhecido popularmente, acontece dias após o serão. É o momento em que se comemora a obrigação, quando se tem muita fartura de comidas típicas de todos os orixás e os filhos de santo dançam as rezas em homenagem aos seus pais. É nesse dia também que os orixás se manifestam e ocupam o seus cavalos de santo, trazendo axé[9] àqueles que frequentam esse terreiro.

3.2.3 Linha Cruzada

A Linha Cruzada é apenas uma expressão que surgiu, ao que tudo indica, na década de 1960 para definir quem cultua três tipos de rituais em um mesmo terreiro, conforme apontado por Oro (2002):

> "[...] enquanto o batuque cultua apenas orixás e a Umbanda caboclos, pretos-velhos, a Linha Cruzada reúne-os no mesmo templo, cultuando além deles, também os exus e suas mulheres míticas, as pombagiras, provavelmente originários da Macumba do Rio de Janeiro e São Paulo" (apud Corrêa, 1988; p. 48).

A Linha Cruzada é um modo de culto relativamente novo e que tem tido um grande crescimento devido aos custos mais baixos dos rituais e por seu aprendizado ser mais simples do que o do Batuque, segundo Corrêa (1988). Porém, sua expansão tem incomodado os "mais velhos" da religião afro-rio-grandense, que acreditam que a inovação da religião por parte dos mais jovens está deturpando-a (Oro, 2002). O fato é que para ter conhecimento sobre fundamentos[10] é necessário anos de prática e frequência ao terreiro, ato que hoje em dia não é tão levado em consideração. Desse modo, acredita-se que houve uma violação dos fundamentos da religião.

As entidades cultuadas na linha cruzada são os Exús e suas mulheres, as Pombagiras. São entidades cultuadas em "cruzeiros"[11], cemitérios, praias e matas. São oferecidas a essas entidades comidas secas como pipoca, batata assadas, farofa e comidas de sangue, como galinhas/galos, bodes/cabras e pombos. Já é comum nos depararmos com algum tipo de oferenda dessas nas encruzilhadas pelas quais passamos diariamente.

Nesse sentindo, é possível resumir as religiões de afro-rio-grandense conforme Ari Pedro Oro (2008):

> "O Batuque representa a expressão mais africana do complexo afroreligioso gaúcho pois a linguagem litúrgica é yorubana, os símbolos utilizados são os da tradição africana, as entidades veneradas são os orixás e há uma identificação às "nações"

[9] Tipo de energia emanada pelos orixás quando estão em plano terreno.
[10] A reunião dos conhecimentos que sustentam a religião, tradição.
[11] Cruzamento de duas vias

> africanas. A Umbanda representa o lado mais "brasileiro" do complexo afro-religioso, pois se trata de uma religião nascida neste país, fruto de um importante sincretismo entre catolicismo popular, espiritismo kardecista, concepções religiosas indígenas e africanas. Seus rituais são celebrados em língua portuguesa e as entidades veneradas são, sobretudo, os "caboclos" (índios), "pretos-velhos" e "bejis" (crianças), além das "falanges" africanas. Por fim, a Linha Cruzada, como sublinha Norton Correa, "cultua todo o universo de entidades das outras duas modalidades, a eles acrescentando as figuras do exu e da pombagira" (*apud* CORRÊA, 1994, p.10).

Apesar de ser vítima de intolerância religiosa perante outras religiões, a religião afro-rio-grandense resiste ao espaço predominantemente preconceituoso; mantém-se viva e cresce cada vez mais, expandindo até para os países vizinhos, como é o caso de terreiros no Uruguai e na Argentina.

3.3 Branquitude como ponto crucial da identidade racial no Brasil

Por toda a história, o branco foi representado com o ser humano padrão, o ideal a ser seguido, assim, apropriou-se de um privilégio que o acompanha até os dias atuais. O aprendizado sobre a branquitude vai ao encontro desse pensamento, colocando o branco no centro do estudo e discutindo sobre as fases de conscientização e de negação desse indivíduo, que desconhece a vantagem estrutural que possui em relação aos negros.

> "A presença do grupo branco enquanto representante da humanidade e da cidadania na nossa sociedade pode ser explicada, em grande parte, pela representação saturada e hegemônica desse grupo nos aparelhos ideológicos do Estado. Ideológica, não concreta, essa representação constitui-se em realidade para a maioria dos sujeitos expostos a essa representação saturada, ou seja, o próprio grupo branco e os demais" (SILVA, 2007, p. 94).

> É a partir desse paradigma que pesquisas sobre branquitude são iniciadas. O termo branquitude teve seu destaque na década de 1990, nos Estados Unidos, com o estudo *Critical Whiteness Studies,* e assim tornaram-se o principal centro de pesquisas sobre branquitude. Embora existam produções acadêmicas sobre essa temática em países como Inglaterra, África do Sul, Austrália e Brasil, "*W. E. B. Du Bois*[12] talvez seja o precursor em teorizar sobre a identidade racial branca com sua publicação *Black Reconstruction in the United States"* (CARDOSO, 2010, p.47).

Mas, afinal, o que é branquitude? Schucman (2012) diz que branquitude vai além das questões genéticas. Ela está ligada a posições e a lugares sociais que os sujeitos ocupam. No entanto, tudo é construído a partir da região, da história, do momento político e da época investigada. Nos EUA, por exemplo, o termo branquitude está diretamente ligado à "pureza"

[12]Willian Edward Burghardt "W.E.B." Du Bois foi um sociólogo, historiador, ativista, autor e editor estadunidense. Nascido no interior do estado de Massachusetts, Du Bois cresceu numa comunidade tolerante, quase não sendo vítima de racismo durante sua infância. Após se graduar em Harvard, onde se tornou o primeiro afro-americano a obter um doutorado, se tornou professor de história, sociologia e economia na Universidade de Atlanta. Du Bois foi um dos fundadores da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) em 1909. Fonte: https://www.geledes.org.br/w-e-b-du-bois/

genética do branco estadunidense, caso ele não possua misturas em seu sangue. No Brasil, a branquitude está relacionada diretamente à aparência, ao status e ao fenótipo.

A autora ainda afirma que, mesmo existindo teorias sobre a branquitude, essas não propõem a extinção de pesquisas sobre a negritude, pois é evidente que sujeitos negros, por estarem em uma posição de desvantagem nas relações raciais, também necessitam de estudos e investigações particulares. O objetivo da pesquisa sobre branquitude é colocar o branco em evidência, pois, tratando-se de relações raciais, ainda há uma ideia de que raça é apenas a negra e de que o negro é sempre um objeto a ser estudado.

Cardoso ao citar Piza (2002) procura tratar a branquitude pela sua ausência, ou seja:

> "Na lógica binária antagônica, se "o negro presença" é isto (...), "o branco ausência" seria aquilo, ressaltando que o branco, na produção acadêmica, geralmente aparece ou como pesquisador que se coloca no lugar de neutralidade racial (Piza, 2002, p. 59-90), ou como "ausência", isto é, "tema-ausente", "nãoquestão". Em virtude disso, ocorre a demasiada visibilização do negro e o pouco olhar sobre o branco." (2014, p.78)

Para Bento (2002), há uma omissão sobre o privilégio que o branco possui nas relações sociais brasileiras, pois o seu papel perante as desigualdades não é refletido, muito menos problematizado. O branco possui tanto privilégio material quanto simbólico, conforme apresentado por Schucman (2012).

O privilégio material diz respeito a bens adquiridos "no acesso à habitação, à hipoteca, à educação, à oportunidade de emprego e à transferência de riqueza herdada entre as gerações" (SCHUCMAN, 2012, p.25). Já o simbólico está ligado à "inteligência, beleza, educação, progresso etc." (idem, p.27). Nesse território, temos o negro como foco - o problema a ser resolvido e pesquisado é somente ele. Isso já se configura como algo estrutural e cultural, passando despercebido por todos nós em nosso cotidiano, nos milhares de casos em que negros não conseguem vagas de empregos simplesmente pela cor da sua pele. Ou na menina que não quer mais frequentar a escola por sofrer bullying por causa do seu cabelo. Existe uma construção ideal de persona nesse país - e ela não é negra.

Esse acontecimento faz com que, cada vez mais, negros tentem o branqueamento, renegando suas origens, alisando seus cabelos, recusando a sua própria história. É o considerado "racismo" feito pelo próprio negro. Se, para ele, sempre foi imposto que o padrão a ser seguido é o branco, naturalmente ele absorve essa cultura como sua - mesmo não se sentindo parte disso. Ou, muitas vezes, não se sentindo representado, produzindo o seu autoboicote, pois quanto mais próximo da branquitude ele estiver, mais aceitável ele será.

Para ilustrar esse pensamento, Cardoso (2014) cita o caso do cantor Michael Jackson, que se modificou radicalmente, passando por diversos procedimentos cirúrgicos a fim de obter a perfeição estética só encontrada na brancura. No Brasil, existem brancos que se identificam com a cultura negra e se consideram "negros-brancos", mas ao entrar em uma loja o branco não será perseguido ou até mesmo abordado por um policial ao dirigir seu próprio carro. O preconceito racial no Brasil tem cor, cultura e religião, conforme Cardoso apresenta no trecho a seguir:

> "[...] Entretanto, mesmo que se diga negro, aos gritos, o branco não enfrentará o racismo destinado ao negro, nem tampouco deixará de receber os privilégios raciais por ser branco. [...] No Brasil, uma simples pele clara, às vezes, é capaz de possibilitar a alguém passar-se por branco em determinadas ocasiões" (2014, p. 40-44).

E o que os brancos fazem para mudar essa situação? Para Maria Aparecida Bento (2002), a racialidade do branco é vivida como um círculo concêntrico, pois a branquitude se expande, espalha-se, ramifica-se e direciona o seu olhar ao branco, além de haver uma invisibilidade, distanciamento e silenciamento em relação à existência do Outro. É o que acontece com o racismo pela negação do problema racial, pelo silenciamento, pelo impedimento da inserção de negros em espaço de poder, pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica e política do negro no universo social, conforme citado por Schucman (2012).

Dessa forma, a branquitude mostra-se como "um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade" (SCHUCMAN, 2012, p.5). Por fim, Sovik aborda em seu estudo a justificativa para os estudos sobre branquitude:

> "O interesse em analisar a branquidade não é de traçar o perfil de um grupo populacional até então ignorado, mas de entender como, há tanto tempo, **não** se prestou atenção aos valores que o definem. O estudo da branquitude pode esclarecer as formas mais cordiais, menos explícitas do racismo brasileiro, as maneiras de suavizar os contornos de categorias raciais enquanto se mantém as portas fechadas para afrodescendentes. No contexto dos relatos implícitos nos meios de comunicação, a discussão da branquitude levanta o desafio de reinventar e também derrubar as ficções de irmandade e parentesco que sustentam o racismo brasileiro" (2004, p.384).

Nesse sentido, ao analisarmos a percepção das pessoas sobre as religiões de matriz afro e sobre os vídeos, é essencial pensarmos sobre a branquitude e o privilegio do branco com acesso a estudo e aos cargos de chefias, por exemplo. Assim como concentrando o poder e retornando o olhar ao branco, o que acontece com a instituição que produziu os vídeos – a qual, no auge do seu privilégio, coloca mais uma vez o negro no centro do

estudo ao criar uma reportagem que “desvenda” os mistérios das religiões afro. Assim, reforçando estereótipos e representações midiáticas, como será explicitado em seguida.

3.4 Construção identitária dos negros na mídia

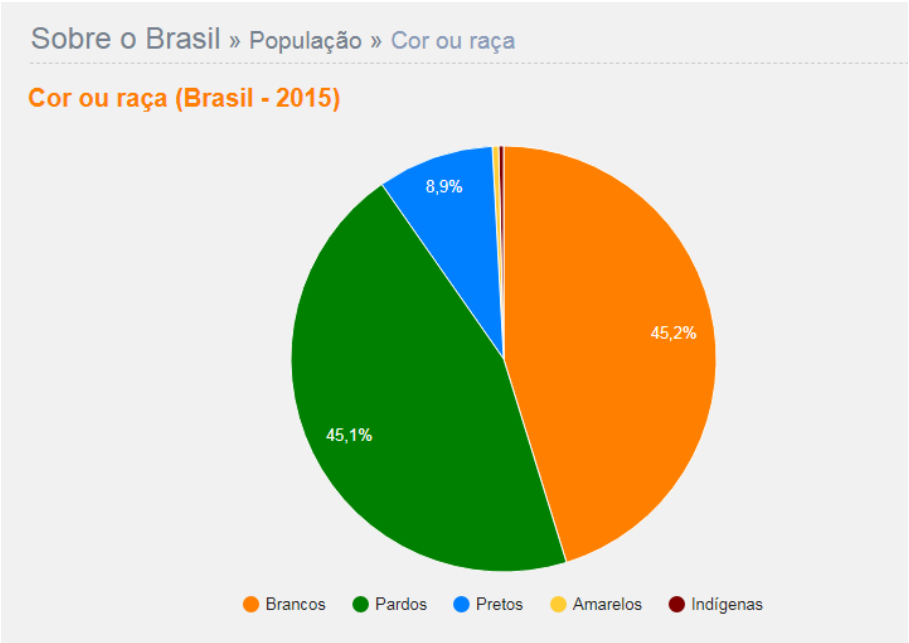
Como citado anteriormente, a mídia tem uma grande influência na cultura da sociedade, pois ela é capaz de ressignificar símbolos, interferir nas relações sociais e até mesmo deter poderes sobre nossas escolhas. A cultura é construída a partir da comunicação, pelas relações sociais. Neste caso, especificamente, pela mídia. Conforme Santaella (1996), não há como separar esses dois campos, posto que a mídia intensifica ainda mais essa relação:

> “Se cultura já é inseparável de comunicação, no caso da mídias se torna ainda mais indissociável, uma vez que mídias são, antes de tudo, veículos de comunicação, do que decorre que essa cultura só pode ser estudada levando-se em conta as inextricáveis relações entre cultura e comunicação” (p.29).

Logo, leva-se em conta que mídia e comunicação são responsáveis pela disseminação da cultura. No entanto, embora a cultura brasileira seja tão diversa, conforme ilustrado na Figura 9, não há, na prática, representatividade suficiente nesse campo.

De acordo com dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) 2015, 45,22% dos brasileiros se declaram como brancos, 45,06% como pardos, 8,86% como pretos, 0,47% como amarelos e 0,38% como indígenas. Ao analisarmos os dados, podemos perceber que mais da metade da população do Brasil é formada por não brancos, ou seja, pretos e pardos. Entretanto, não encontramos essa representatividade na mídia, visto que “os produtos culturais de massa veiculam a cultura hegemônica, em sua articulação instável de diferenças internas à sociedade. O resultado, em geral, é de aparência branca, pois a branquitude continua sendo uma espécie de projeto para a nação” (SOVIK, 2004, p.370).

Figura 9 - Cor ou raça: divisão quantitativa da população brasileira



Fonte: IBGE[13]

Por existir um padrão branco imposto pela sociedade, não há representatividade do negro na mídia, levando a um "embranquecimento" dos negros na televisão. De modo a ilustrar essa ideia, Sovik (2004) cita o sucesso da dançarina Carla Perez, que utilizava sua lourice para tornar a cultura afro-brasileira minimamente aceitável.

Ainda sobre o branqueamento midiático, a autora discorre sobre a presença e o foco das celebridades no Carnaval Carioca, um espaço predominantemente negro, pois, em sua maioria, é formado por entidades de origens periféricas, onde se concentra majoritariamente a população negra. Porém, os papéis de grande destaque, como madrinha da bateria, musa, ou até mesmo destaque de carro é dado para pessoas como um estereótipo "socialmente aceitável", como é o caso da cantora Claudia Leite, madrinha da bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel no ano de 2015.

O Carnaval é o evento que dá maior evidência para o negro na mídia; as aparições da Globeleza e das passistas nas vinhetas das escolas de samba nos intervalos das novelas apresentam um pouco de protagonismo para esse povo que carece de representatividade. Na televisão, os estereótipos da literatura se repetem e o negro está sempre associado ao futebol, ao Carnaval e às notícias sobre festa (Costa, 1988). Além disso, podemos incluir as aparições em páginas e telejornais policiais.

---

[13] https://teen.ibge.gov.br/sobre-o-brasil/populacoa/cor-ou-raca.html acesso em 10 de dezembro de 2017

O estereótipo do negro tem a ver com o pensamento de Stam (1995) sobre "marca plural", que projeta os povos colonizados como se fossem, todos, a mesma coisa - ou seja, qualquer atitude de um membro de um determinado grupo é instantaneamente generalizada como algo típico, apontando para um perpétuo retorno. Por isso, por exemplo, o estereótipo do homem negro como jogador de futebol ou marginal. Ou ainda a representação da mulher negra como mulata - sim, na forma pejorativa da palavra -, a negra, a mestiça, a passista de escola de samba, o objeto sexual. Conceitos impregnados historicamente desde a época da escravidão, quando as escravizadas serviam apenas para satisfazer sexualmente o homem branco.

Para compreender essa representação Stam (1995) diz que é necessário verificar quem está emitindo a mensagem e quem irá recebê-la ou a quem essa mensagem está sendo dirigida.

Em suma, não podemos reduzir essa representatividade ao Carnaval e aos papéis secundários nas telenovelas, mas a mídia reforça um estereótipo já imposto pela sociedade ao negro. Tudo que está relacionado ao negro ou é de baixa valia, ou não possui valor algum. Por esse motivo, deve haver um cuidado nessa representação midiática, pois a identidade cultural de uma sociedade é construída a partir das práticas discursivas que transpassam os contextos sociais. Segundo Dijk:

> "Nossos discursos e outras ações sociais são, portanto, baseados em modelos mentais que são formados por ideologias e atitudes socialmente compartilhadas. Temos, assim, um círculo vicioso e vemos como o discurso que está crucialmente envolvido nas produções do racismo, em geral, na formação de ideologias subjacentes, em particular" (2012, p.20).

Segundo Lahni (2007), a mídia é responsável por absorver, reelaborar e transmitir o imaginário nas representações sociais. Portanto, enquanto for reproduzido pela mídia um discurso que coloca o negro em um papel coadjuvante, limitado, pejorativamente estereotipado – e, acima de tudo, reforçando práticas racistas -, assim ele será visto.

Consideramos "representação" como o uso de diversos sistemas, sejam eles discursivos, visuais ou sonoros, que falam por um ou mais indivíduos na arena da indústria cultural, conforme Freire Filho (2004). Na mídia, podemos citar filmes, novelas, músicas, seriados, notícias, reportagens, etc. Todos os conteúdos nela disseminados dão base ao que será considerado aceitável socialmente, pautando o que é ser moderno, civilizado, cidadão, bem-sucedido, etc. (Freire Filho, 2005). Os veículos de mídia:

> "Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o

> inaceitável, o natural e o patológico, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles. Tonificam a autoestima e facilitam a união de todos "nós" que somos normais, em uma "comunidade imaginária", ao mesmo tempo em que excluem, expelem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente" (FREIRE FILHO, 2004, p.4).

Para Freire Filho (2005), os estereótipos atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social e impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, na avaliação ou na comunicação de uma realidade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, de desigualdade e de exploração. Os estereótipos geralmente expressam conflitos sociais ocultos, como é o caso da branquidade. O exemplo dos negros, aqui colocado, é lembrado pelo autor:

> "Estereótipos, por exemplo, sobre a predisposição natural dos negros para atividades físicas (...) em detrimento de tarefas e ocupações intelectuais, almejam explicar e justificar sua escassa presença nos níveis superiores de ensino, em sociedades cuja ideologia oficial é a democracia racial" (FREIRE FILHO, 2005, p. 22).

A mídia, portanto, é um dos principais cenários do debate contemporâneo. É por meio dela, de modo geral, que adquirimos visibilidade e construímos os sentidos de grande parte das práticas culturais. Ela pode operar no sentido de uma integração sociocultural de caráter heterogêneo, na qual culturas minoritárias ou locais consigam espaço significativo de expressão, bem como no sentido de uma homogeneização transnacionalizada, mas pode, também, desenvolver grande parte dos processos de estigmatização (de construção de estereótipos) ou mesmo de criminalização das culturas minoritárias. É na mídia que acontecimentos, fatos, rituais e, de forma geral, a "realidade social", ganham sentido (FREIRE FILHO, 2004). É o caso dos exemplos citados anteriormente para pensar a construção identitária dos negros na mídia. Sobre o tema, no próximo Capítulo será feita a análise do objeto midiático envolvido nesta pesquisa, como um exemplo deste tipo de representação equivocada baseada em estereótipos.

4 REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DAS RELIGIÕES AFRO-RIO-GRANDENSES

Neste capítulo, serão abordados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do presente trabalho. Na sequência, serão apresentados os aspectos referentes às reportagens sobre as religiões afro-rio-grandenses, objeto de estudo desta pesquisa. Posteriormente, serão exibidos os resultados obtidos com os questionários e as entrevistas realizadas. Por fim, apresenta-se a análise com intuito de responder aos objetivos de pesquisa propostos.

4.1 Metodologia

Diante do problema de pesquisa, e com a finalidade de encontrar suas devidas soluções, diversos caminhos metodológicos e instrumentos de pesquisa podem ser utilizados para o desenvolvimento de uma investigação científica. No caso do presente trabalho, foram utilizados questionário, entrevista em profundidade, técnica projetiva, pesquisa bibliográfica e análise documental.

A análise documental foi realizada considerando os vídeos das reportagens do programa Teledomingo como documentos. Para Moreira (2015), a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. Além disso, o autor a classifica como análise primária e análise secundária. As primárias são materiais como escritos pessoais, documentos oficiais, cartas particulares e as secundárias são materiais oriundos da mídia impressa (jornais, revistas boletins), mídia eletrônica (gravações de som e de vídeo) e relatórios técnicos. Portanto, a análise realizada configura-se como secundária, pois se trata de uma reportagem televisiva que se difundiu na Internet.

Ainda citando Moreira (2015), a análise documental funciona como um método eficaz para contextualizar fatos, situações ou momentos. No presente estudo, a análise possibilitou conceber novas perspectivas sobre os vídeos analisados, sem deixar de respeitar o conteúdo original dos documentos, como será mostrado posteriormente.

Para entender a percepção sobre a religião afro-rio-grandense, foi feita a aplicação de um questionário virtual com técnica projetiva, para o qual era necessária a visualização de um vídeo para responder às questões propostas.

Os autores Marconi e Lakato (2003) definem o questionário como um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, cujo objetivo é coletar dados de um grupo de respondentes.

O instrumento também garante o anonimato das respostas e permite que as pessoas o respondam no momento em que acharem conveniente, além de não expor o pesquisado à influência das opiniões do entrevistador. Para sua realização, não houve uma delimitação dos públicos da pesquisa, apenas a divulgação em espaços de mídias sociais relacionados à discussão sobre religiões.

Para que o questionário tivesse mais eficácia em suas respostas, foi efetuada uma técnica projetiva, definida por Malhotra (2001) como uma forma não estruturada e indireta de perguntar, capaz de incentivar o entrevistado a projetar suas motivações, atitudes e sensações de forma "inconsciente". Essa técnica, muito utilizada em 1940/1950, possui sua origem na psicanálise e parte de um princípio simples: através de estímulos, o indivíduo projeta seus aspectos subjetivos, atitudes, comportamento, opiniões, que por alguma razão, não faria espontaneamente (PERRIEN; EMMANUEL; ZINS, 1984 *apud* MARCHETTI, 1995).

A fim de compreender como os sacerdotes religiosos veem a midiatização da religião e conseguir insumos para a análise final, foi realizada uma entrevista em profundidade semi-aberta. A entrevista semi-aberta é um modelo de entrevista com origem em um roteiro de questões-guia, as quais dão cobertura ao interesse de pesquisa, segundo Duarte (2015).

As questões-guias são formuladas a partir do problema de pesquisa a ser resolvido e buscam tratar a amplitude do tema, apresentando as perguntas da forma mais aberta possível para que o entrevistado forneça respostas proveitosas. É importante citar, no entanto, que a escolha dessa técnica pode ter alguns percalços como falta de motivação do entrevistado, fornecimento de respostas falsas, inabilidade do entrevistado para responder, influência exercida pelo aspecto pessoal dos entrevistados, entre outros.

Em seguida, foi realizada a análise do conteúdo de todos os materiais coletados, já apresentados anteriormente. Para isso, tivemos como inspiração a análise de conteúdo citada por Bardin (2011), a qual "consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis que se aplicam a 'discursos' (conteúdo e continentes) extremamente diversificados" (BARDIN, 2011, p.16). A partir de todos os dados coletados, buscou-se a organização de categorias, cuja base foi tanto o material empírico como o enfoque teórico. Temos, portanto, categorias de classificação de conteúdo, nomeadas a partir das respostas dos entrevistados, e categorias teóricas que organizam os conteúdos.

A união de respostas do questionário virtual, com técnica projetiva dos vídeos, entrevista em profundidade e análise documental resultará na análise geral dos dados,

buscando alcançar o objetivo geral. O resultado das diferentes etapas da análise será tratado a seguir.

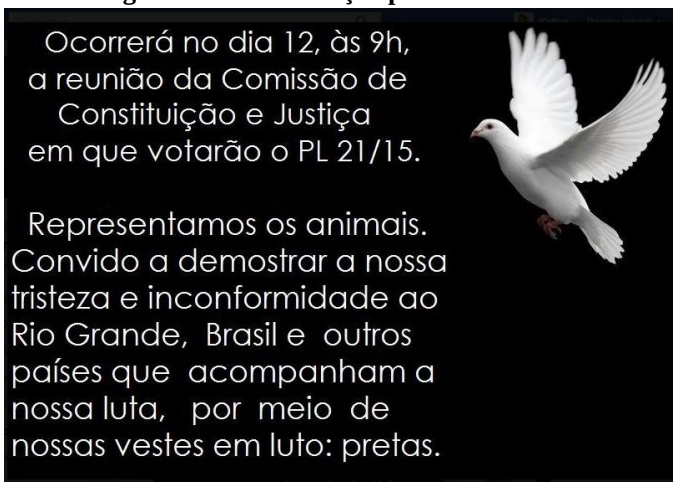
4.2 Sobre a escolha dos vídeos analisados

No primeiro semestre de 2015, houve uma grande polêmica envolvendo os afro-religiosos e a Deputada Estadual Regina Becker com a criação do projeto de Lei 11.915, que propunha a proibição do sacrifício de animais em rituais religiosos. O embate dividia opiniões. De um lado, os afro-religiosos defendiam a questão espiritual, destacando que todo o animal sacrificado servia de alimento nos ritos e colocando em contrapartida a existência de abatedouros. Do outro, veganos e defensores dos animais que diziam haver maus tratos aos animais por parte das religiões afro.

No dia 8 de maio de 2015, a Deputada postou em sua página oficial na rede social Facebook uma convocação para a reunião que votaria sobre o projeto de lei, conforme ilustrado nas Figuras 10 e 11, que mostram a postagem e os comentários na postagem, respectivamente. A publicação virou um ringue de discussões e, entre defesas e acusações, surgiram muitos vídeos, fotos, e relatos negativos sobre as religiões afro-rio-grandenses. Dentre esses materiais, um vídeo me chamou a atenção. Tratava-se de uma reportagem apresentada nos anos 2000, pelo já extinto telejornal Teledomingo, publicada na rede social *Youtube*. A reportagem tratava sobre a prática de magia negra no Estado, citando sacerdotes que cultuavam o diabo e faziam sacrifício de animais. O vídeo, postado no dia 3 de dezembro de 2012 em um canal com a temática satânica, possui mais de 142 mil visualizações, além de 369 comentários. Além disso, já foi publicado por outros canais na mesma rede, sendo a publicação mais recente datada do ano de 2016.

Após a visualização do vídeo mostrado na Figura 11, a rede social sugeria uma reportagem sobre as religiões afro, de 2004, de cunho mais leve, que apresentava os três tipos de religiões afro cultuadas no Rio Grande do Sul: Batuque, Umbanda e Quimbanda. No entanto, utilizava-se de trechos da primeira reportagem sobre o culto da magia negra, tendo como fonte o mesmo entrevistado, dando a entender que todas as religiões tinham como hábito essa prática. O vídeo, publicado em 12 de outubro de 2009, apesar de mais velho, possui apenas 69 mil visualizações e 72 comentários.

Figura 10 - Postagem com a convocação para a reunião da CCJ[14]



Fonte: Página oficial da Deputada Regina Becker [15]

Figura 11 - Comentários na postagem com a convocação para a reunião da CCJ

Fonte: Página oficial da Deputada Regina Becker

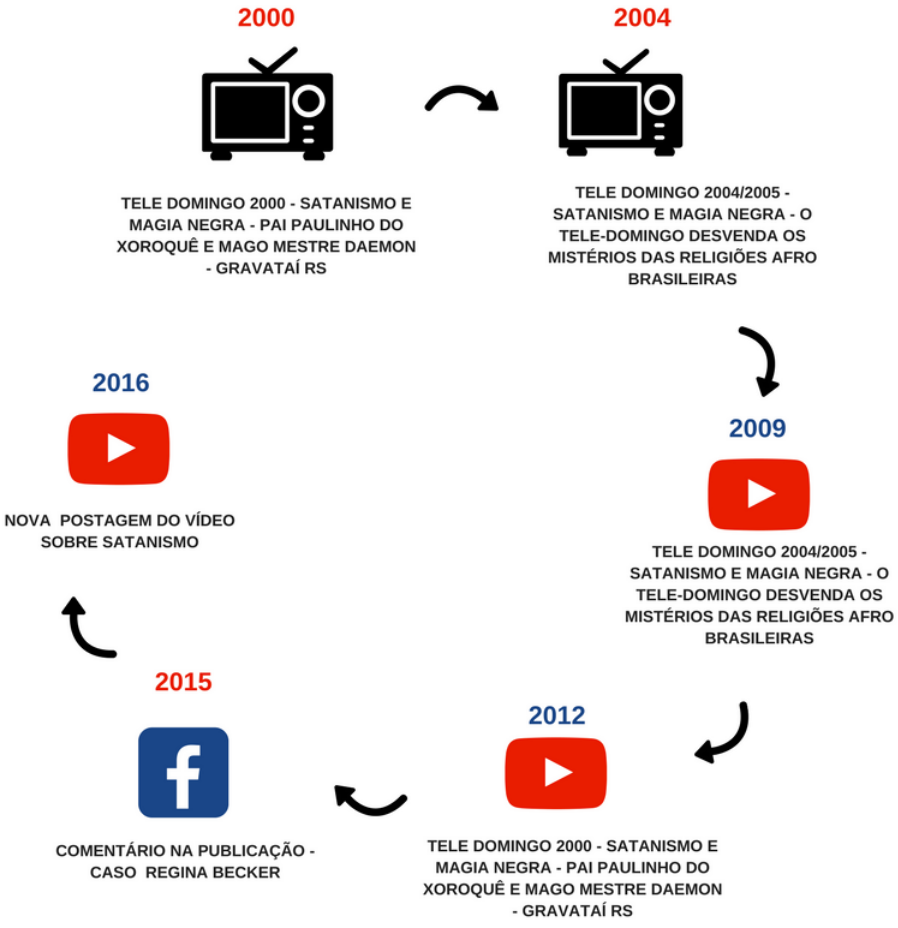
[14] Comissão de Constituição e Justiça tem a competência de apreciar todos os projetos que tramitam na Assembléia Legislativa, antes que eles sejam votados em Plenário pelos Senhores Deputados.

[15] https://www.facebook.com/ReginaBeckerFortunati/

A implementação de novas tecnologias, que permitem a circulação desses vídeos na Internet, vai ao encontro do processo de midiatização. Para Hjarvard (2012), o surgimento da tecnologia digital facilitou o processo de reprodução e circulação de formas simbólicas. Hoje, essa disseminação midiática, que era antes realizada exclusivamente pelos meios massivos, ocorre também em um espaço virtual, no qual se estabelecem relações e interações sociais.

Assim, surge a necessidade de compreender como é feita a representação midiática das religiões afro e de que forma acontece a recepção desses vídeos. Também, é necessário compreender como eles se propagam a partir de sua midiatização. Conforme ilustrado na Figura 12, inicia por sua veiculação na televisão em 2000 seguindo, em sentido horário, para a midiatização no Youtube e a divulgação do *link* no Facebook.

Figura 12 - Processo de midiatização dos vídeos



Fonte: A autora.

Será utilizada a expressão "midiatização da religião afro" para se referir à complexidade envolvida na circulação de contéudos como os dos vídeos escolhidos para objeto de análise nesta monografia. Além de significar a divulgação ou a veiculação de conteúdos sobre a religião, a expressão "midiatização" abrange, para nós, toda a circulação de

sentidos e as possibilidades de permanência de uma representação estereotipada - nesse caso, através de espaços de fácil acesso e apropriação tecnológica como o Youtube.

Logo, é importante refletirmos o Youtube como um aparato de midiatização. Com a intenção de criar um espaço no qual pudessem visualizar e compartilhar vídeos com amigos, no ano de 2005 Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim criaram o YouTube (BURGES & GREEN, 2009, p.17). Embora a rede social tenha surgido como uma inovação de ordem tecnológica, não era exclusiva, pois já existiam outras com a mesma função naquela época.

Atualmente, o Youtube é um dos principais sites do mundo, alcançando milhões de pessoas diariamente. Além de uma rede social, faz parte do cenário de mídia de massa da sociedade contemporânea. E é através dele que os objetos de estudo se propagam. O desenvolvimento das tecnologias transformadas em meios de comunicação causam alterações nos processos sociais, técnicos e discursivos, acarretando, assim, mudanças na própria ambiência, nos processos, nos produtos e nas interações entre indivíduos, além da organização das instituições sociais, segundo Fausto Neto (2009).

Assim, para o presente estudo, o Youtube se configura como um aparato de midiatização, ou seja, uma tecnomediação, já apresentada por Muniz Sodré (2006) como uma espécie de prótese tecnológica, a qual o autor denomina como *médium"* (p.20).

Sendo assim, podemos considera-lo como um *medium*, pois se configura como uma extensão, um instrumento manipulável, uma nova ambiência com códigos próprios e sugestões de condutas, além de uma potencialidade de modificação da realidade vivida. Ou seja, essa definição trata-se do modo como a mídia se instaura e afeta as formas de vida social, através da maestria de origem informacional. O Youtube é, então, a ambiência pela qual se propagam os discursos dos vídeos escolhidos e possibilita que uma reportagem veiculada em um programa extinto mantenha sua permanência no ciberespaço.

4.3 Descrição dos vídeos

Nesta seção serão apresentadas as decupagens dos vídeos como meio de explicitar todo seu conteúdo. Em seguida, serão feitas ponderações a respeito desses conteúdos, as quais serão base de toda a análise que compõe esta pesquisa.

4.3.1 Primeiro vídeo

O primeiro vídeo analisado, com aproximadamente 5 minutos, apresenta o programa *Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra*, publicado no Youtube 12 anos após sua veiculação na TV:

Vinheta: Teledomingo.

Trilha sonora: Suspense.

Vinheta abertura da reportagem: Celebração do Mal (conforme Figura 13).

Figura 13 - Vinheta "celebração do mal"

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Apresentador 1: Raiva!

Apresentador 2: Inveja!

Apresentador 1: Ciúmes!

Apresentador 2: Vingança!

Apresentador 1: Sentimentos humanos que fazem parte de rituais secretos vindos da África pelos escravos.

Apresentador 2: Você vai acompanhar uma sessão de magia negra, um tipo de manifestação religiosa praticada por quem quer fazer mal aos outros!

Imagens: Pai Paulinho do Xoroquê com duas aves na mão, batendo uma na outra em frente a uma imagem de "Lúcifer", à frente da imagem uma "mesa" onde se encontram os mantimentos para o ritual.

Trilha sonora: Som dos tambores e cantos.

Imagem: Homens encapuzados segurando tochas (conforme Figura 14). A seguir negros tocando tambores e cantando.

Figura 14 - Homem encapuzado

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Locução: Este é um ritual macabro!

Imagem: Pai Paulinho do Xoroquê passando as aves em um participante do ritual.

Locução: O batuque embala o ódio e a maldade!

Imagem: Pessoas negras vestidas de preto em círculo dançando ao som de tambores.

Pai Paulinho do Xoroquê (Figura 15): É o lado negativo, né? O lado oposto, é o lado do mal.

Figura 15 - Pai Paulinho do Xoroquê

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Repórter: É o culto a quem?

Pai Paulinho do Xoroquê: Geralmente, né, ele é dedicado a Lúcifer, a Mahabás, o lado negativo.

Repórter: É o diabo?

Pai Paulinho do Xoroquê: É! Como se chama mesmo na língua mundana, né?

Imagem: Pai Paulinho do Xoroquê fumando charuto, batendo sineta e tocando fogo na pólvora.

Locução: Chamar o mal das trevas através do fogo e da música é a primeira parte do culto a Satanás.

Imagem: Tambores (Figura 16).

Figura 16 - Homens tocando tambor

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Locução: São invocados os Exus, entidades espirituais que funcionariam como mensageiros do diabo.

Imagem: Pessoas de preto dançando na roda.

Locução: Pai Paulinho do Xoroquê prepara a magia negra. Em uma réplica de um caixão é colocado uma pedaço de carne, ele representa um corpo para quem se quer enviar o mal. Depois são cravados sete punhais.

Imagem: Preparo da magia negra (Figura 17).

Figura 17 - Preparo magia negra

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Locução: Agora o momento mais forte do ritual, o sacrifício dos animais. Primeiro dois galos pretos.

Imagem: Sacrifício de um das aves (Figura 18). Pai Paulinho do Xoroquê cruza a faca no pescoço do galo e a imagem fica embaçada.

Figura 18 - Sacrifício da ave

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Locução: O sangue escorre sobre o caixão e o crânio humano. Os animais são jogados para perto da imagem de satanás (Figura 19).

Figura 19 - Representação de Lúcifer

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Imagem: Pai de santo atirando a ave em direção à imagem, o animal bate nas velas e fica se debatendo até a morte. Foco na imagem e na ave morta. Homens negros batendo tambor e cantando.

Locução: O ponto máximo ocorre quando um sapo é sacrificado, ele pulsiona como um vudu.

Imagem: Sapo na mão do pai de santo, imagem fica embaçada.

Pai Paulinho do Xoroquê: O sapo é a magia, por ser um bicho peçonhento, um bicho negativo, um bicho que rasteja, um bicho que através de qualquer, onde ele passa ele deixa vestígio, então, é onde ele vem a reforçar que é do lado negativo, né?

Imagem: Pessoas negras dançando.

Repórter: E quais são as pessoas que procuram o teu trabalho?

Pai Paulinho do Xoroquê: Geralmente homens que procuram. Famosos empresários, políticos, porque muitas vezes se sentem ameaçados. Às vezes nos seus trabalhos, puxam o

seu tapete, sua cadeira, aquela coisa toda, então eles procuram para que seja lançado porque se não é, cai mesmo, né?

Imagem: Pai de santo em frente à imagem com uma garrafa de bebida e um saco preto (Figura 20).

Figura 20 - Pai Paulinho em frente a representação de Lúcifer

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Locução: As oferendas são levadas para o meio do mato onde são veladas numa representação da morte

Imagem: Pai de santo entrando mato adentro.

Repórter: Os rituais de magia negra duram em média 45 minutos e terminam assim, com música e dança, é mais um culto às energias negativas

Imagem: Pessoas vestidas de preto, dançando (Figura 21).

Figura 21 - Pessoas vestidas de preto dançando

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Mestre Daemon: São invocadas as energias do caos, das trevas, as energias primevas que são invocadas para a destruição.

Imagem: Homens encapuzados com tochas, pai de santo no centro em frente às "oferendas".

Mestre Daemon: Ocorre quando a pessoa faz mal pra alguém, prejudica, persegue, demite, enfim. Porque existem pessoas que estão sendo injustiçadas. Essas pessoas já estão correndo

na lei de causa e efeito, então aí nós agimos. E essa pessoa vai ser localizada realmente, isso não é uma ameaça, é uma promessa!

Imagem: Pai Paulino batendo sineta, imagens da "estátua", da roda, de pessoas dançando, vela preta, cruz, homens tocando tambores (conforme Figuras 22 e 23).

Figura 22 - Cruz e Velas

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Figura 23 - Rosto da representação de Lúcifer

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Som: Tambores e som de aves cacarejando.

4.3.2 Segundo vídeo

O segundo vídeo analisado, também com aproximadamente 5 minutos, apresenta o programa *Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras*, publicado no Youtube 5 anos após sua veiculação na TV:

Apresentador 1: O Teledomingo mergulha nos mistérios das religiões afro-brasileiras.

Apresentador 2: O Teledomingo vai mostrar a partir de agora o que representa aquelas oferendas que você costuma ver pelas ruas das cidade.

Trilha sonora: Toque do tambor (Alujá).

Imagem: Negros escravizados, imagens do Brasil Colônia, famílias negras na época da escravidão (Figuras 24 e 25).

Locução: Eles foram arrancados da África, mas trouxeram junto as suas raízes. Os porões dos navios negreiros que cruzaram o Atlântico quando liberdade era ainda sagrada. Oxum, Oxalá e Iemanjá...

Figura 24 - Escravizado prisioneiro

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Figura 25 - Família Negra

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Imagem: Representação dos orixás citados, religiosos entrando no mar segurando um barco para Iemanjá.

Antropóloga (Figura 26): Cada Orixá corresponde a um determinado elemento da natureza ou a alguma atividade humana.

Figura 26 - Antropóloga

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Trilha sonora: Reza Yorubá.

Imagem: Representação dos orixás, roda de batuque, religiosos vestidos de branco cantando e dançando.

Imagem: Representação dos orixás, roda de batuque (Figura 27), religiosos vestidos de branco cantando e dançando.

Figura 27 - Roda de Batuque

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Locução: Eles nunca dormem, mas é preciso despertá-los numa chamada em uma língua ao mesmo tempo estranha e muito familiar, Yorubá, de uma mãe que até hoje alimenta seus filhos.

Trilha sonora: Sineta tocando.

Imagem: Sineta, comida dos orixás, religiosos dançando na roda de batuque.

Locução: O som cruza os mares e vai ecoar na África ancestral, que devolve as cores e sabores em forma de energia. Axé!

Babalorixá Jorge Verardi: Aqui é a Comida do Bará. O Bará é o orixá que abre e fecha tudo, o dono de caminhos e cruzeiros.

Imagem: Oferenda para Bará, uma bandeja com pipoca e velas vermelhas. Oferenda para Xangô, gamela com banana e maçã (Figura 28).

Figura 28 - Amalá para Xangô

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Babalorixá Jorge Verardi: Aqui Odé e Otim, orixás de caça.

Imagem: Oferenda para Odé.

Babalorixá Jorge Verardi: Aqui é o axé de Ogum. Ogum é o dono das estradas, também dos caminhos, dono do trabalho.

Imagem: Oferenda para Ogum, filhos dançando na roda de batuque.

Locução: Caminhos que aproximam os filhos dos sagrados pais.

Antropóloga: Há certos rituais que tem que ser realizados fora, né. Por quê? Porque acredita que a energia daquela determinada entidade ou orixá habita aquele local.

Imagens: Pai Paulinho do Xoroquê colocando fogo na pólvora.

Locução: Na encruzilhada, o cruzeiro é o encontro das energias.

Imagem: Pessoas na encruzilhada tocando tambores, segurando aves, Pai Paulinho do Xoroquê passando com uma garrafa de cachaça por todos os filhos.

Locução: Mas a cidade não é uma só e às vezes o sagrado de um invade o de outro.

Pai Paulinho do Xoroquê: Viemos fazer uma cerimônia no portão do cemitério que é o reino das almas e o qual quem governa é grande rei Omulu (Figura 29).

Figura 29 - Paulinho do Xoroquê em frente ao cemitério

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Imagem: Pai Paulinho do Xoroquê com uma ave na mão em frente ao portão do cemitério.

Locução: Às vezes o que é sagrado para alguns é pecado para outros.

Imagem: Sacrifício da ave.

Babalorixá Jorge Verardi: A nossa religião é uma religião milenar, em todos os tempos nós oferecemos animais para oferendar aos orixás. E outras religiões também fizeram durante muito tempo.

Imagem: Pai Paulinho do Xoroquê atirando uma ave em direção à imagem de uma entidade (Figura 30). Animal se debatendo até a morte.

Pai Paulinho do Xoroquê: E a gente oferece os animais não é pro sentido de uma maldade e sim por uma troca de energias.

Figura 30 - Representação de Lúcifer

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Imagem: Pai paulinho do Xoroquê arrumando as oferendas. Velas, charutos, penas das aves, patas das aves.

Babalorixá Jorge Verardi: Não é dar a vida do animal e sim a fonte de energia que ele tem que é o sangue (Figura 31).

Figura 31- Jorge Verardi

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Imagem: Roda de pessoas em frente às oferendas no portão do cemitério.

Locução: Verdade ou exagero?

Antropóloga: A religião ficou bastante exposta, não há um espaço, né, natural para isso.

Imagem: Quarto de santo com imagens de santos e flores, oferendas nas ruas (Figura 32).

Figura 32 - Quarto de Santo

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Babalorixá Jorge Verardi: Porque se tu vais fazer perto de uma escola, tu vai chocar a população, então tu faz isso um pouco afastado. E até no mato onde as crianças não passam, as pessoas não passam.

Imagem: Pai Paulinho do Xoroquê sacrificando uma ave em frente ao cemitério. Pai Paulinho do Xoroquê batendo uma ave na outra. Mexendo em penas, jogando pipoca (Figuras 33 e 34).

Locução: Há milhares de anos o som do tambor é um chamado de fé.

Imagem: Pai Paulinho do Xoroquê jogando pipoca para cima.

Trilha: Cantos para povo da rua.

Locução: Nessa encruzilhada o ritmo das batidas é raiz e tronco ao mesmo tempo, é o passado que alimenta o futuro, é uma viagem que nunca tem fim.

Figura 33 - Paulinho do Xoroquê oferendas no cemitério

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Figura 34 - Paulinho do Xoroquê oferendas para Lúcifer

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Imagem: Oferendas no cemitério, oferenda aos orixás, roda de batuque pessoas vestidas de branco (Figuras 35 e 36).

Figura 35 - Oferendas no cemitério

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Figura 36 - Comida dos orixás

Fonte: *Print Screen* do vídeo no Youtube (autora).

Trilha: Reza Yorubá.

4.4 Análise dos vídeos

O primeiro vídeo apresentado é de cunho sensacionalista. Edição, trilha sonora e depoimentos ressaltam a "celebração do mal" realizada naquele culto. Vale ressaltar que se trata de um vídeo mais antigo, veiculado no final da década de 1990, inicio dos anos 2000.

Em uma das primeiras frases do vídeo, o apresentador enfatiza que sentimentos ruins como raiva, inveja e ciúmes fazem parte de rituais secretos vindos da África pelos escravos. Cabe destacar dois termos utilizados: o primeiro refere-se ao culto como "trazido" para o país com os negros, como se eles fossem culpados pela existência do ritual e o segundo é a palavra "escravos", não mais utilizada pelo movimento negro - durante todo o trabalho, utilizamos o conceito escravizado, para mostrar o processo ao qual o indivíduo era submetido. Os negros não eram escravos, mas foram escravizados pelo homem branco.

Na maior parte do tempo aparecem pessoas negras no vídeo. O Balalorixá apresentado é negro; os integrantes da roda, os tamboreiros, tudo remete à negritude. O sacrifício animal é algo que choca o telespectador e, por mais que tenha sido utilizada uma tarja, a cena é forte. O vídeo se encontra em um perfil do Youtube que possui a temática satanista como sua diretriz. No total, desde sua publicação em 3 dezembro de 2012, o vídeo já possui 142 mil visualizações.

Quanto ao segundo vídeo, este já possui um cunho mais informativo, pois "apresenta" as religiões afro-rio-grandenses. No entanto, o título da reportagem gera uma problemática, pois coloca o negro como objeto de estudo - ou seja, a emissora, como uma instituição, utiliza da sua branquitude para "desvendar" os mistérios da religião afro. O vídeo destaca a descendência africana nos ritos apresentados principalmente nas Figuras 25 e 26, nas quais aparecem famílias negras e escravizados, e neste trecho da locução: "Eles foram arrancados da África, mas trouxeram junto as suas raízes. Os porões dos navios negreiros que cruzaram o atlântico quando liberdade era ainda sagrada. Oxum, Oxalá e Iemanjá...".

Para relatar sobre as religiões de matriz afro, o programa traz uma antropóloga branca, mais uma vez mostrando a branquitude institucional da emissora, o que reforça a superioridade do branco perante o negro. Por fim, iniciam as exemplificações das religiões relatadas pela antropóloga. Ainda, é feita uma edição tendenciosa do vídeo: são utilizados cortes da primeira reportagem, a que se refere ao culto ao satanismo. Além disso,

entrevistaram o mesmo pai de santo para falar sobre a Quimbanda, religião que cultua os Exus.

A reportagem foi ao ar por volta de 2004/2005. Mesmo querendo "desvendar" e contar a história das religiões afro, acaba estereotipando-as. Assim a emissora, como uma agente que contribui para a construção social, acaba reforçando estereótipos, como o de que as religiões afro cultuam o diabo. Freire define estereótipo da seguinte maneira:

> "Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles. Tonificam a auto-estima e facilitam a união de todos "nós" que somos normais, em uma "comunidade imaginária", ao mesmo tempo em que excluem, expelem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente." (2004, p.48)

Com a comparação das duas reportagens, é possível detectar nas suas abordagens um exílio simbólico da religião afro, mesmo que sutilmente. Colocando a cultura africana como "eles", os diferentes.

4.5 Descrição dos dados coletados por meio de questionário

Com o objetivo de analisar o conhecimento e a percepção sobre as religiões brasileiras a partir da sua midiatização, foi criado um questionário, conforme mostrado no Apêndice A, com 17 questões abertas e fechadas e um vídeo embedado. O documento circulou em grupos sobre religiões, grupos evangélicos, grupos ocultistas/paganistas, grupos de estudantes da UFRGS da rede social Facebook, além da circulação feita nos comentários dos próprios vídeos, objetos de estudo, na rede social Youtube[16]. As respostas foram coletadas durante os dias 28 de junho de 2017 e 30 de julho de 2017.

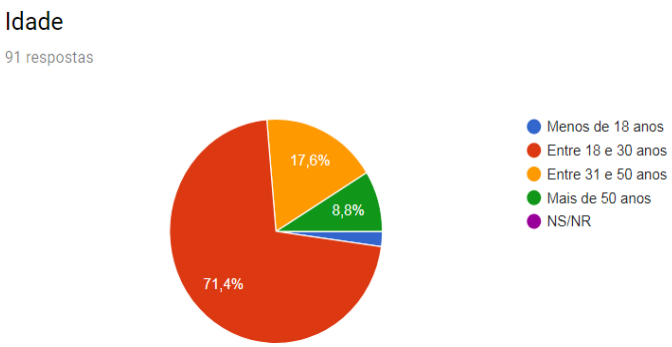
O questionário desenvolvido foi estruturado a partir de uma série de questões a serem respondidas, organizadas de uma forma lógica e sequencial: *dados pessoais* (local de residência, gênero, raça, escolaridade e religião/culto); *conhecimento sobre religião* (conhecimento geral sobre religiões apresentadas no Censo IBGE 2010, como obteve este conhecimento e o que achava sobre religiões afro) e *recepção da reportagem* (apresentação dos vídeos da reportagem do jornal Teledomingo e perguntas sobre a percepção que tiveram do vídeo).

[16] https://docs.google.com/forms/d/1DsvNwDkFRH7M-A_tIeuxa7-LlQRXVzJf1oC4RzBo1l4/edit.

4.5.1 Dados pessoais

Quando questionada a idade do respondente obtivemos os seguintes dados (Figura 37): 71,4% tinham entre 18 e 30 anos, 17,6% entre 31 e 50 anos, 8,8% tinham mais de 50 anos e apenas 2,2% tinham menos de 18 anos.

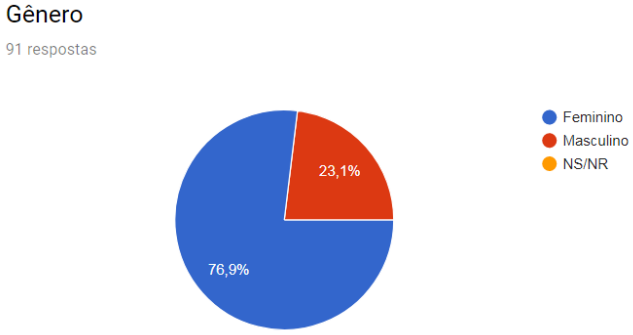
Figura 37 - Gráfico Idade dos Respondentes



Fonte: A autora.

Cerca de 76,9% dos respondentes eram do gênero feminino e 23,1% do gênero masculino (Figura 38).

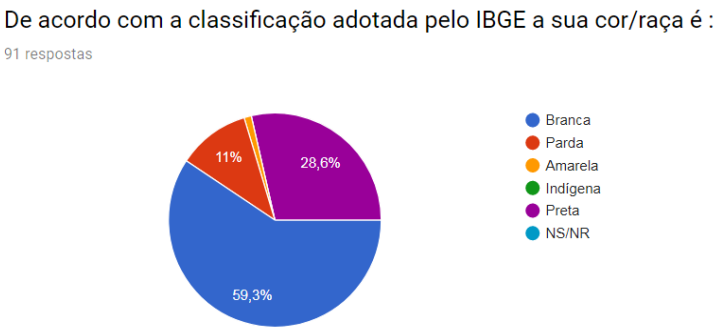
Figura 38 - Gráfico Gênero dos Respondentes



Fonte: A autora.

Quando a questão foi raça (Figura 39), apresentamos a relação de raças e etnias de acordo com o questionário do IBGE e tivemos 59,3% de respondentes de cor/raça branca, 28,6% respondentes de cor/raça preta, 11% dos respondentes de cor/raça parda e 1,1% de cor/raça amarela.

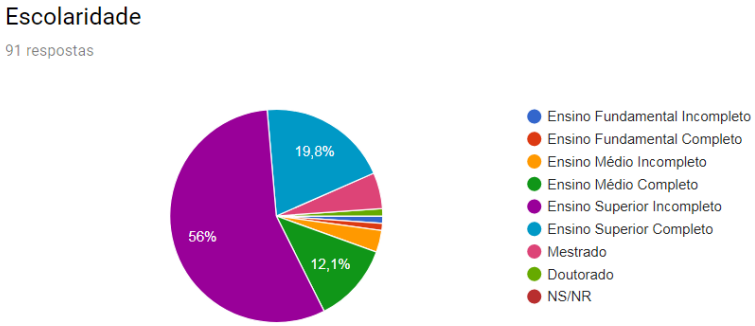
Figura 39 - Gráfico Cor/ Raça dos Respondentes



Fonte: A autora.

A questão sobre escolaridade (Figura 40) apresentou 5,5% dos respondentes com Mestrado, 1,1% com Doutorado, 19,8% com Ensino Superior Completo, 56% com Ensino Superior Incompleto, 12,1% com Ensino Médio completo, 3% com Ensino Médio Incompleto, 1,1% com Ensino Fundamental Completo e 1,1% Ensino Fundamental Incompleto.

Figura 40 - Gráfico Escolaridade dos Respondentes



Fonte: A autora.

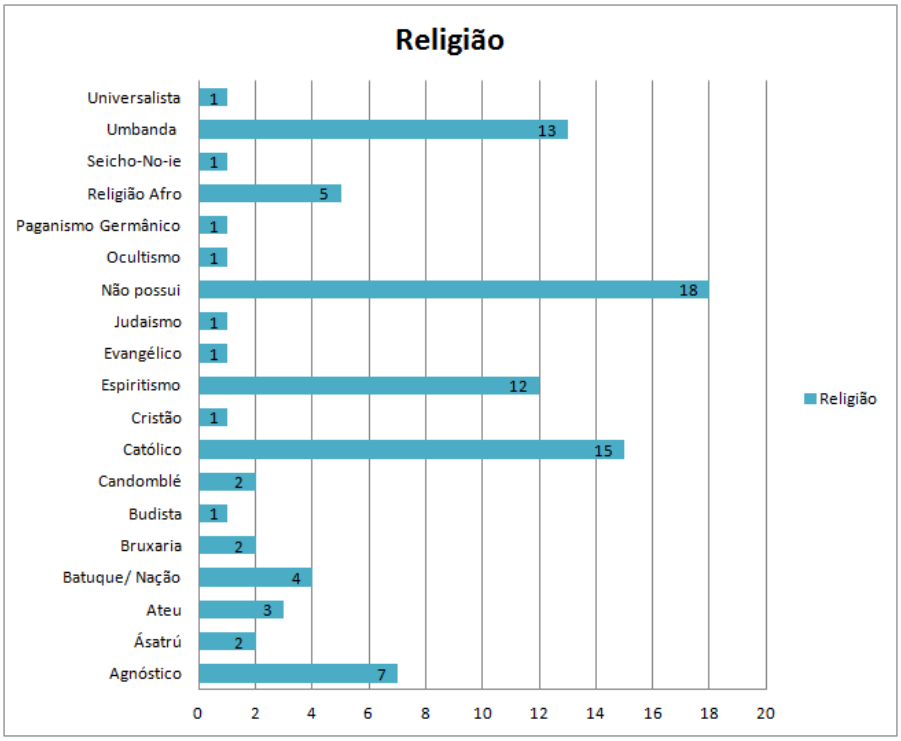
As respostas vieram de diversas parte do Brasil e algumas de fora do país – Dublin (1). Por aqui, os estados respondentes foram SP (3), MG (2), RJ (1), DF (1), ES (1), SC (1) e majoritariamente do RS (81).

Sobre a religião/culto dos respondentes, é possível acessar as respostas no gráfico da Figura 41.

Das 91 respostas sobre religião/culto, 18 respondentes dizem não ter religião, 15 são católicos, 13 umbandistas, 12 espíritas, 7 Agnósticos, 5 pertencem à religião afro de modo geral, 4 pertencem ao Batuque/Nação, 2 tem a Bruxaria como Culto/ Religião, 1 Budista, 2

cultuam o Candomblé, 1 Cristão, 1 Evangélico, 1 Judeu, 1 Ocultista, 1 Paganista Germânico, 1 respondente Seicho-No-ie e 1 Universalista.

Figura 41 - Gráfico Religião/ Culto dos respondentes



Fonte: A autora.

Conforme apresentado pelo Censo IBGE 2010, o número de ateus cresceu e esse fato se confirma nas respostas obtidas através do questionário realizado nesta pesquisa.

4.5.2 Conhecimento sobre religião

Quando disponibilizadas algumas religiões - e deixado um espaço para citar demais religiões que conheciam e seu conhecimento a respeito delas, surgiram diversas religiões/ cultos/seitas: Candomblé/Umbanda/Religião afro (87), Espírita (82), Católica (83), Evangélica (70), Wicca (7), Batuque (1), Budismo (13), Hinduísmo (6), Testemunha de Jeova (5), Adventista (6), Xintoista (1), Judaica (8), Taoismo (3), Hare Krishna (2), Zoroastrismo (1), Islamismo (5), Batista (1), Pastafariana (1), Baha'i (1), Luterana (2), Mórmon (2), Discordianismo (1), Paganismo (2), Shintoismo (2), Dianismo (1), Daoísmo (1), Thelema (1), Satanismo (1), ONA (1), Agori (1), Quimbanda (1), Santo Daime (1) e Ásatrú (1).

Ao questionarmos sobre o que sabem sobre as religiões citadas e como obtiveram conhecimento, as respostas se dividiram em quatro categorias:

Social, incluindo o convívio com família, amigos, colegas, etc. **Estudo,** incluindo pesquisas. **Mídia,** conhecimento através da Internet, televisão e demais meios. **Praticante**, quem pratica ou praticou a religião.

Assim, podemos ver que a formação da identidade do indivíduo passa por diversos campos, principalmente pelo social. Por mais que as respostas estejam separadas por categorias, é bom salientar que em todos os relatos o conhecimento passa pelo social. Como podemos ver nas respostas apresentadas a seguir, o fato de ter um amigo ou familiar de uma determinada religião já influencia o indivíduo conhecê-la:

> "A umbanda eu conheci através de uma amiga. É uma religião que cultua os orixás que são ligados aos elementos da natureza. Sua origem é africana. O espiritismo é a minha religião. Seguimos os ensinamentos do evangelho segundo o espiritismo e acreditamos que a vida na terra é uma passagem temporária dentro de uma evolução espiritual maior e constante. O catolicismo eu conheci através da minha avó. Cultua os ensinamentos de Jesus através do que seus discípulos escreveram (a Bíblia). Historicamente a religião católica massacrou e torturou pessoas contrárias ao seu culto." (Respondente 25).

O respondente 71 também obteve seu conhecimento através da família, que era católica, além de fazer catequese. **"**Sei por meio de amigos/conhecidos. Em relação ao espiritismo, conheço, pois na família há vários espíritas kardecistas", disse o respondente 77. Por fim, o respondente 78, que cresceu como católica, mas sua família tinha crenças no Espiritismo e nas Religiões Africanas.

Alguns conhecimentos sobre as religiões foram obtidos através do estudo, pesquisas em livros e na Internet, pela curiosidade do respondente de compreender como funciona, como se caracteriza a religião ou até em aulas de cunho religioso. Como é o caso dos respondentes 10, 22 e 52 que obtiveram seus conhecimentos em aulas de ensino religioso na escola. O respondente 62 diz conhecer um pouco sobre cada religião citada e procura sempre estudar sobre diferentes crenças. Preferindo estudar nos próprios livros religiosos, o respondente 67 procura seu conhecimento na estrutura, culto, sagrado - livros. Os respondentes 68 e 69 além do conhecimento adquirido nos livros, visitam templos e procuram trocar informações com aqueles que pertencem à religião. Por fim, o respondente 80, que relata um pouco do seu conhecimento e onde aprendeu: "diversas características de crença, mitologia, chaves para acesso de alguns mistérios esotéricos e etc. O conhecimento foi obtido por livros, práticas e convivência com membros dessas religiões, em graus variados dependendo de cada uma".

As respostas da categoria mídia podem influenciar na concepção de identidade no âmbito simbólico, por exemplo. Conforme Woodward (2000) o processo de identidade está dividido em âmbitos social e simbólico. O âmbito social está relacionado às práticas sociais, enquanto o âmbito simbólico se refere aos mecanismos que utilizamos para dar sentido a essas práticas e relações sociais.

Os filmes, novelas, documentários e noticiários foram responsáveis pelos conhecimentos obtidos através da mídia. Conforme relata o respondente 32: "Candomblé é uma religião trazida para o Brasil pelos africanos que inicialmente foram proibidos de exercê-la. Soube disso através de livros e televisão (novelas)".

O respondente 26, além de receber informações da mídia, reforça o conhecimento pelo círculo social como apresentado a seguir: "Religião afro: pela mídia, pelas pessoas do meu convívio, como algo ruim. Pra mim, é uma religião que diz muito sobre a cultura de povos e gostaria de saber mais sobre."

Ainda, o conhecimento daqueles que frequentam ou frequentaram, praticam ou praticavam a religião, como no caso do respondente 19 que frequenta a evangelização desde seus 9 anos e lê diversas obras para obter esse conhecimento. O respondente 63 descreve um pouco mais sobre as religiões de que tem conhecimento - entre elas o Batuque, o Candomblé, a Umbanda e o Catolicismo. Porém, ao falar sobre Umbanda, o respondente mescla informações distintas sobre a religião: "a religião Espírita e a Umbanda são um misto de uma religião africana e indígena, trabalham mais na linha dos *médiuns* dos espíritos e inclui os pretos velhos e caboclos. Também entende a morte como passagem para outra dimensão".

O respondente trata as religiões Espírita e Umbanda como a mesma. Isso porque muitas pessoas dizem frequentar centros Espíritas para não dizer que frequentam terreiros de Umbanda; outros se definem espíritas ou espiritualistas para não revelar a verdadeira religião. Inclusive alguns terreiros de Umbanda se autodenominam centros Espíritas. Tais informações não estão erradas: estes não deixam de ser centros espíritas, mas esse rótulo é utilizado especificamente para centros kardecistas.

O termo "centro Espírita" é utilizado como uma máscara para a verdadeira religião cultuada. Sobre a definição da Umbanda, Corrêa (1988) destaca que a religião possui grande influência da cultura ocidental, indígena e um pouco do cristianismo; é uma mistura de Catolicismo, Espiritismo, Indígena e um pouco da Religião Afro. É uma religião afro-brasileira.

A omissão dos indivíduos pertencentes à religião afro também aconteceu na família do respondente 88 conforme relatado pelo mesmo:

> "Todas as religiões citadas acima eu vivenciei. Fui criada em uma família Espírita, quando jovem optei por frequentar a Igreja Católica nos grupos de jovens e agora recuperei a vivência no Candomblé, que parte da minha família também era adepta, mas que eu nem sabia, pois era quase que segredo de família."

4.5.3 Percepção

Ao apresentarmos as respostas desta seção é necessário recapitular, e levar em consideração, o pensamento de Hall (2003), o qual afirma que, para compreendermos os sistemas de representação, é necessário analisar a relação que existe entre cultura e significados, pois as representações são concebidas por meio de significações e de sistemas simbólicos que nos colocam na posição de sujeito. As respostas que recebemos foram dadas de acordo com a bagagem cultural de cada indivíduo, considerando que o contexto social em que estão inseridos interfere nas respostas recebidas.

Quando questionados sobre qual sua opinião a respeito das religiões de matriz afro, dividimos as resposta em 3 grupos. O primeiro, de opiniões positivas, refere àqueles que acham a religião afro interessante, bela e importante para a cultura: "São belíssimas, com riquíssimo teor cultural, apresentam grande complexidade ritualística exigindo estudos e dedicação. São religiões que em suas bases está a ajuda ao próximo" (Respondente 3).

Além de achá-las belas, o respondente 20 acha que elas foram importantes para a construção da cultura e acredita ser uma forma de manter vivas as tradições e os valores que elas trouxeram. Sintetizando as respostas positivas, o respondente 89 fez o seguinte relato:

> "É a religião que mais me fez repensar e buscar ser melhor como pessoa, que fez eu respeitar a natureza, os mais velhos. A respeitar a mim mesma, ao meu corpo, aos meus sentimentos, porque sou a extensão do Orixá, Nkissi. Acho que as religiões de matriz africana são uma das poucas que ainda espalha a solidariedade, amor, união e respeito."

O segundo grupo refere-se às pessoas que não tinham um conhecimento sobre essas religiões e àquelas que as conheciam ou não tinham opiniões formadas, mas as respeitavam. Os respondentes 5, 24 e 72 não têm conhecimento, mas gostariam que fossem mais divulgadas. O respondente 24 acha que representam a esperança e a luta. Já o respondente 72 acha que seria legal conhecer, principalmente pelo aspecto cultural, pois é importante que todos conheçam religiões de matriz africana sem tabus. Outros não opinaram: "Não tenho nada a declarar. Cada um segue a religião que se sente melhor" (Respondente 22) e "Sou

neutra, elas parecem ser importantes para construção da cultura negra. E os seus princípios tem mais apelo pra mim do que as outras, embora eu não tenha nenhuma religião" (Respondente 44).

O terceiro grupo obteve poucas respostas, mas se mostra importante para o trabalho. Refere-se à respostas que se opõe à religião de alguma forma, como é caso do respondente 29 que diz se incomodar um pouco com a religião aqui estudada pelo fato de possuir costumes ainda um tanto primitivos, devido ao ato de fazer oferendas. O respondente 26 expõe sua percepção da seguinte maneira: "Tenho um pouco de receio dessas religiões. Talvez por no passado ter participado de uma religião que condena as religiões africanas e também por não fazer parte da cultura da minha região...eles têm práticas e seitas bastante diferentes".

Após a apresentação dos vídeos, questionamos os respondentes sobre sua própria realidade e se achavam que o vídeo representava as religiões de matriz afro. No total, 6% (6) dos respondentes acreditam que sim, o vídeo representa as religiões de matriz afro, 41% (37) responderam que não, 46% (42) concordam em partes e 6% (6) não souberam, não responderam (conforme Figura 42).

Podemos relacionar as respostas a essa questão com a teoria da decodificação/ codificação de Hall (2003). O autor diz que há três tipos de decodificação de mensagem: dominância, negociação e oposição.

Figura 42 - Gráfico Realidade dos Vídeos

Fonte: A autora.

Podemos considerar as respostas positivas à questão como dominância, pois o indivíduo recebe e interpreta a mensagem do mesmo modo que o veículo quis transmitir.

Das 6 repostas positivas que recebemos sobre a realidade dos vídeos, apenas 3 justificaram sua resposta. O respondente 33 respondeu que sim, pois para ele existe a religião

para o mal, existe sacrifício de animais e existem as oferendas, para Oxum, Ogum, Iemanjá e outros. A resposta da respondente 39 é sim, mas ela acredita que não se trata unicamente da busca de forças negativas. A terceira justificativa veio do respondente 38: “Sim, alguns rituais são frequentemente presenciados nas ruas. É comum ouvirmos pessoas dizerem que frequentam a umbanda para diferentes fins, seja para atrair o bem ou com a ideia de causar o mal para outro alguém.”

Quando a mensagem não é aceita pelo receptor, que se opõe ao significado atribuído pelo produtor, temos a decodificação de oposição. Nesse caso, a maioria dos respondentes que disseram que os vídeos não retratavam a realidade utilizaram de seu conhecimento prévio, tanto social quanto sobre religião, para fazer essa afirmação. Para o respondente 11, o vídeo traz uma noção deturpada dessas religiões, através de um olhar europeu colonizador, do exótico, relacionando com o "mau". O respondente 91, além de discordar da realidade do vídeo, destaca um ponto importante a se observar nas reportagens:

> “Não, porque acredito que só vivenciando para saber de fato o que é a realidade, a responsabilidade. Concordo em partes com o que o pai Jorge Verardi mostrou no vídeo, porém me incomoda muito que ambos os vídeos foquem no "mau sacerdote". Como em todas as religiões existem, porém quando se trata das religiões afro, mesmo tentando retratar algo bom, essa parte boa só é retratada com pessoas brancas "assinando em baixo". Quando mostra esse sacerdote que não condiz com o respeito a natureza e as pessoas que não são adeptas a religião, mostra um homem negro, que claramente está a serviço da imagem estereotipada de batuqueiro, mandingueiro”.

Quando o receptor não possui nenhuma posição de forte concordância ou recusa, prontamente, em relação à ideia transmitida, ocorre a decodificação de negociação. É o caso das repostas “em partes”, alternativa com maior porcentagem de respostas. As justificativas para a questão foram diversas, como por exemplo a do respondente 23:

> “Creio que não retrata a realidade em sua totalidade, mas sim em partes. As representações desses vídeos direcionam um olhar para um senso comum de intolerância, misticismo. O primeiro vídeo tem um olhar mais sensacionalista, que reforça um estereótipo que coloca as religiões de matriz africana como sendo negativas. O segundo vídeo é mais resumido e traz um olhar histórico.”

O respondente 47 diz existir uma outra religião, a Umbanda preta, na qual fazem magia negra:

> “Eu respondi em partes porque sei que existe a umbanda preta, onde fazem magia negra, mas acho que são a minoria. Na verdade eu só conheço uma pessoa que faz isso, as outras pessoas que conheço que são de religiões de matriz africanas são da umbanda branca/candomblé e só fazem o bem e buscam o bem, e eles dizem que

> quem faz esses rituais de magia são falsos religiosos, que na umbanda de verdade não matam animais e nem fazem rituais para desejar nada de ruim a ninguém.”

A Umbanda só possui uma vertente e é feita para propagar o bem. Talvez o respondente esteja se referindo à Quimbanda - a linha do povo da rua, representadas por Exus e Pombagiras - e isso se deva à sua falta de informação em relação à religião. A Quimbanda é uma “religião” mais nova, é a separação de uma linha da Umbanda. Muitas pessoas acreditam que a Quimbanda seja algo ligado ao mal devido às suas características.

Contrapondo o respondente 47, o respondente 57 respondeu em partes, mas afirma que ritual de magia negra e satanismo não fazem parte nem da Nação, nem do Candomblé - e muito menos da Umbanda. E finaliza dizendo que o pai de santo apresentado nos vídeos não deve servir como parâmetro. Para finalizar, temos como exemplo o relato do respondente 78:

> “O primeiro vídeo não me parece nem um pouco retratar corretamente a realidade. O segundo vídeo oferece um pouco mais de espaço para que se explique a religião. Porém ambas as reportagens têm um teor negativo por parte do programa, na primeira mais do que na segunda. Além disso, não ouvi o nome das religiões em nenhum momento. Como se fosse tudo a mesma coisa.”

Entre os que não quiseram ou não souberam responder apareceram outras percepções. Como a relatada pelo respondente 81 de que são vídeos completamente estereotipados e preconceituosos, que revelam um desconhecimento profundo das tradições afro-brasileiras e a do respondente 54, o qual afirma não ter um conhecimento profundo sobre as religiões de matriz africana, mas acredita que as reportagens parecem apresentar apenas aspectos negativos ou lados obscuros, sem contrapor com outro viés ou corrente. Enfim, o respondente 48 apresenta uma explicação justificando sua resposta:

> “O que o vídeo retrata é parte das religiões de matriz africana, mas não retrata a religião em si. Trabalhos para o mal podem ser realizados, mas sei também que tem seu preço, que pode ser financeiro ou não. Mas isso é apenas uma parte de tudo o que é a religião africana, acredito que seja bastante conhecida e falada por ser "chocante", e aí acaba que sempre que se fala em religião africana se pensa em macumba, pomba gira, "magia negra".. achei os dois vídeos, principalmente o primeiro, de muito mal gosto, expondo uma religião antiga, guardada com muita luta por um povo extremamente sofrido como sendo extremamente negativa e obscura. “

Ainda, quando pedimos para os respondentes definirem o vídeo em uma palavra, diversas opções apareceram repetidamente. Entre elas, tendencioso, racista e parcial, conforme ilustrado na Figura 43:

Figura 43 - Nuvem de palavras

Fonte: A autora.

Com a pergunta: “Após assistir ao vídeo, sua percepção sobre as religiões de matriz afro mudou?”, o resultado foi, conforme a Figura 44: 84% (76) dos respondentes disseram que não, 3% (3) responderam que sim, 9% (8) responderam que mudaram, em parte, suas percepções e 4% (4) não souberam responder/não responderam.

As justificativas para as respostas negativas sobre a mudança de percepção após a visualização do vídeo dividiram opiniões entre aqueles que conheciam/frequentavam e aqueles que não conheciam as religiões. Assim como na questão sobre a realidade do vídeos, aqui também podemos considerar os três tipos de codificação apresentadas por Hall (2003).

Figura 44 - Gráfico Percepção do Vídeo

Fonte: A autora.

As respostas que disseram que não mudaram sua percepção, pois conheciam a religião e sabiam que não retratava a realidade demonstraram oposição ao material divulgado. O respondente 5, por exemplo, por ser adepto, justificou-se da seguinte maneira:

> "Não, pois eu tenho verdadeira consciência do que são as religiões de matriz africana. Acho que as reportagens desenvolvidas pelo Teledomingo são um extremos desrespeito aos que cultuam sua ancestralidade e que não se curvam para as imposições da sociedade branca e eurocêntrica. De qualquer forma, não esperava nada menos que isso dessa emissora de televisão, então acabo não me surpreendendo com o que por ela é difundido. "

O respondente 16, assim como diversos respondentes, demonstrou sua indignação com o reforço de estereótipo que a reportagem aborda: "Não mudou em nada, a única coisa que me deixou um pouco irritada é como retrataram essas religiões, reforçando um preconceito que é muito forte no Brasil, ligando essas religiões a coisas ruins, sendo que, com certeza, não é assim".

Ao encontro da resposta do respondente 16, a justificativa do respondente 39 afirma que sua percepção não mudou, pois não dá pra confiar na opinião de uma rede de televisão comprometida com valores da tradição, da família e da propriedade. Ainda que algumas coisas tenham sido mostradas de forma "honesta", não servem para apresentar as religiões de matriz afro, mas para reforçar o tabu e o preconceito.

Os respondentes que não mudaram sua percepção, ou seja, demonstram a negociação, acreditam que há dois lados da reportagem, como é o caso do respondente 48: respondeu negativamente, pois sabe que isso é apenas uma das visões possíveis, mas acredita que tudo que foi exposto é verdade, mas não é a verdade completa. Ele continua sua justificativa dizendo que, assim como as religiões de matriz africana possuem algumas tradições que podem ser questionáveis a partir de outros pontos de vista, religiões que não sofrem perseguição também. Para ele, fazer reportagens tendenciosas como as duas, mas principalmente a primeira, só dá forças ao preconceito e à intolerância. Complementando, o respondente 49 diz que existem muitas pessoas preconceituosas, que utilizam a mídia para espalhar mais preconceito e intolerância. E, para isso, mentem e/ou falam coisas que não sabem.

Aqueles respondentes que não mudaram sua percepção demonstram a dominância - ou mudaram mas acreditam na veracidade dos vídeos, como o respondeste 26, que justificou sua resposta dizendo que as reportagens não retrataram nenhuma novidade para ele e deveria ter

retratado outros pontos importantes dessas religiões. O respondente 11 acreditava que as religiões afro eram mais violentas.

A única resposta que afirmou a mudança foi a do respondente 27, que mudou a sua percepção, pois agora sabe mais a respeito das justificativas para o sacrifício de animais nos cultos e para desejar o mal a uma pessoa.

Também perguntamos sobre lembranças de outras reportagens/materiais sobre a religião afro e pedimos para compartilharem conosco. Assim, entre as lembranças compartilhadas, aparecem o livro Orixás de Pierre Verger, novelas nas quais a religião afro também é abordada com o cunho da magia negra/macumba, reportagens sobre o dia de Iemanjá - tradicional na cidade de Porto Alegre – e entrevista com babalorixás conforme relato abaixo, do respondente 9:

> "Uma vez eu vi no jornal do almoço um líder das religiões de matriz africana que foi dar seu depoimento sobre uma lei que buscava proibir o uso de animais em rituais religiosos. Eles trouxeram as pessoas que estavam protestando em favor da lei, e esse líder, que explicou que os animais usados em sacrifício são os mesmos que também são consumidos, e que era errado deixar o animal morto como oferenda. Ele deveria ser dado o destino correto após o ritual."

Houve relatos sobre postagens frequentes na rede social Facebook, como a da mãe Beata de Iemanjá definindo o Candomblé, um vídeo que obteve mais de 30 mil compartilhamentos. Além disso, foram lembradas páginas voltadas ao tema, como o Batuqueiros da Depressão. Surgiram, ainda, lembranças de canais no Youtube e documentários sobre a religião afro-rio-grandense, como é o caso do "A tradição do Bará do Mercado" e "Caminhos da Religiosidade". Foram citadas, também, reportagens sobre a intolerância religiosa, como o caso da menina de 11 anos[17] que fora apedrejada após sair de uma culto de Candomblé, posteriormente escolhido como tema de redação do ENEM.

Para finalizar o questionário, perguntamos se os respondentes achavam que a imagem do negro está diretamente ligada às reportagens. Recebemos 27 respostas negativas, a maioria delas justificando a negação devido à miscigenação e a presença de diversas raças nas religiões afros, a exemplo do relato do respondente 5: "Não mais. Hoje essas religiões brasileiras representam a heterogeneidade do país, os praticantes englobam pessoas de diversas classes e cores diferentes".

O respondente 56 e 87 acreditam que não, pois a religião é praticada por negros e brancos. O respondente 56 ainda enfatiza que no RS temos mais brancos do que negros

[17] http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html

praticando a religião afro. Apesar de também negar a relação, o respondente 64 diz que isso ocorre por ser uma religião de matriz africana, embora haja miscigenação na religião. Ainda há aqueles que negam a relação, mas reconhecem que existe um preconceito relacionado aos negros, como o respondente 17: “Sabemos que não tem nada a ver. Cor não define religião de ninguém. No entanto temos uma sociedade doente e racista. Na minha concepção não, mas na ignorância de muitos é provável que aconteça esse tipo de ligação.”

As respostas afirmativas, em sua maioria, apresentaram diversas justificativas, entre elas a de que associamos a África à negros, então tudo que é de origem africana, normalmente, será relacionado às pessoas negras. Além disso, grande parte dos praticantes das religiões de matriz afro são negros, o que cria esse “vínculo forte”, segundo o respondente 8. Os respondentes 38 e 39 afirmaram haver relação pois a reportagem enfatizou a origem da religião e seu praticantes iniciais, os negros. Já o respondente 20 acha que as pessoas sempre demonizam o desconhecido. Para ele, a cultura negra e a imagem dos negros sempre ficou sendo definida por quem não é negro e desconhece da realidade, resultando nisso, na relação do negro com coisas ruins.

O preconceito é a palavra-chave para argumentar as afirmações sobre essa questão. O respondente 47 afirma que, infelizmente, reportagens como essas influenciam na percepção sobre os negros, afastando-os da imagem de pessoas "de bons princípios", colocando-os numa posição isolada e ruim. Seguindo na mesma linha de raciocínio, o respondente 49 acredita que a religião e a cor da pele acabam se relacionando pelas origens, porém há sempre preconceito e racismo na forma como as pessoas lêem essas questões - religião e cor da pele.

Sintetizando as respostas afirmativas, o respondente 91 apresenta o seguinte pensamento:

> “Sim. O negro é visto como um mistério, e, ao mesmo tempo, como um sujo, primitivo e/ou bárbaro. Ligar o negro com práticas que chocam a sociedade (como o sacrifício de animais), mesmo que muitas delas tenham sido e sejam até hoje realizadas por brancos, é meramente consequência de se dizer que são religiões de Matriz Africana. Acaso chamamos o cristianismo de religião de Matriz Médio-Oriente? Ou de Matriz Mediterrânea?
> Acaso se o fizéssemos, a imagem do cristão comum não seria a de um homem muçulmano, de pele escurecida e traços levemente indianos, habitante típico dessas regiões?
> O Cristianismo, ao contrário, é relacionado a Europa. A gente branca. Que ironia, não?
> Afinal de contas, os brancos são justamente aqueles que perderam praticamente toda a sua religiosidade ancestral. Há de se lembrar que o Cristianismo foi tomado pelos Italianos. Que Roma era de gente de pele parda e cabelos morenos!
> Chamamos cristianismo de cristianismo porque ligar a religião às suas origens afastaria seus fiéis brancos e de feições europeias. Porque eles não se reconhecerem na imagem de seu "salvador". O mesmo, mas inverso, ocorre com o Islamismo, a Umbanda, o Candomblé e etc. São denominadas segundo sua origem - para

> diferenciar essas práticas dos brancos de nossa nação, e assim criar uma ideia de identificação entre umbanda e negros, cristianismo e brancos.
> E, claro, associar barbaridade, sangue, línguas estranhas e etc ao negro, mesmo que o vinho seja o sangue de cristo e o latim a língua de Roma, acaba parecendo bizarro e alienígena à população média que se identifica com a branquitude."

Já alguns não souberam responder e concordam em partes. Como é o caso do respondente 46, o qual acredita haver relação, pois hoje há muitas pessoas de outras cores, raças e etnias ligadas a religiões de matriz africana. Por fim, o respondente 37 concorda em parte, pois acredita que hoje se tem diferentes raças em diferentes religiões – mas, assim como aparece no vídeo, percebe-se que a maioria dos presentes eram negros e crê que seja assim em situações externas ao vídeo. Acredita também que é o esperado, por ser uma religião derivada da África e termos tantas pessoas com descendência africana no Brasil - de certo modo, é uma forma de resgatar o passado através da religião e estabelecer uma ligação com algo que faz parte da sua história e de seus antepassados.

4.6 Descrição dos dados coletados na entrevista

Para complementar os respondentes do questionário, e com objetivo de compreender o que os afro religiosos acham sobre midiatização, foi realizada uma entrevista com dois afro-religiosos. A entrevista foi realizada no dia 21 de outubro de 2017 no Ilê Bara Agelú[18], ao qual os entrevistados pertencem, aplicada através de um roteiro estruturado, conforme detalhado no Anexo B. O questionário apresenta cinco questões, que nortearam a entrevista - passavam pelo conhecimento sobre a religião, preconceito, até a percepção sobre a midiatização e as reportagens do Teledomingo. Para obter um retorno mais efetivo em relação à percepção dos entrevistados aos vídeos, foi realizada um técnica projetiva. A fim de preservar a identidade dos sujeitos, eles serão denominados, como Entrevistado 1 e Entrevistado 2.

O Entrevistado 1 está na religião desde seus 15 anos de idade, totalizando 50 anos de religião. O Entrevistado 2 nasceu na religião, devido ao envolvimento da família, mas somente aos 18 anos ingressou com força, totalizando 22 anos de pertencimento à religião. Ambos relataram sobre o preconceito com a religião afro, pois desde a fundação do terreiro sofrem descriminação dos vizinhos. O entrevistado 2 ainda recorda seus tempos de escola, quando denotavam sempre um lado negativo, dizendo "lá vem macumbeiro batuqueiro" – já

[18] Ilê quer dizer morada em *yourubá*, no Brasil é nome que damos para os terreiros, casas de santo. O *Ilê Bará Agelú* é casa de santo do orixá *Bará*, o qual rege a casa, o orixá da *yalorixá*. O Ilê Bará Agelú está localizado no bairro Espírito Santo, zona sul de Porto Alegre.

havia esse preconceito, que existe até hoje, a religião afro ser uma religião do diabo. Eles ainda relatam um pouco sobre as religiões afro e suas características.

A fim de alcançar nosso objetivo, questionamos os entrevistados sobre a midiatização em geral e sobre a midiatização dos vídeos *Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra* e *Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras*. O Entrevistado 1 diz que acha um absurdo expor fundamentos, o sagrado, sacralização de animais, fotos de entidades. Considera "falta total de respeito" e complementa dizendo que quem o faz não tem fundamento nenhum, mas também acredita na forma positiva da midiatização, a favor da religião.

Para o Entrevistado 2, depende do sentido e da forma de exposição. Se a exposição é para divulgar a religião e alcançar o leigo, de uma forma que ele entenda melhor a religião, que "desdemonize" aquela impressão que as pessoas têm sem conhecer, ele acha positivo. Ele ainda exemplifica seu relato falando sobre um programa televiso comandado pelo Pedro *D'Oxum*, que fez isso durante muito tempo. Ele mostrava os búzios, como eram as consultas, aproximando o leigo da religião. Entretanto, esse entrevistado também é contrário à exposição do sagrado, o segredo - como é comum de acontecer nas redes sociais, pois considera isso um desserviço à religião.

Os relatos cedidos pelos religiosos foram de extrema valia para atingirmos os objetivos do estudo e sua análise será apresentada a seguir.

4.7 A construção da identidade do negro a partir da midiatização

A partir do que foi exposto anteriormente na coleta e na descrição dos dados, compreendemos ter alcançado o objetivo de investigar a percepção de diferentes públicos sobre religiões de matriz afro, a partir do processo de midiatização dos vídeos escolhidos para análise.

4.7.1 Codificação

Nesse momento, para nortear nossos resultados, assim como já utilizado na análise das respostas ao questionário, utilizamos a teoria da codificação/decodificação de Stuart Hall (2003). Tal teoria traz conceitos que possuem extrema importância para os Estudos Culturais, pois a partir deles o autor procura explorar melhor o processo de recepção de mensagens e nega que a participação da audiência seja passiva - uma interfere na produção da outra, de acordo com os repertórios de emissor/receptor, conforme esquema apresentado na Figura 45:

Figura 45 - Processo de recepção a partir das mediações

Fonte: A autora.

A partir do esquema apresentado, podemos compreender que as identidades culturais, como mediações comunicativas da cultura (MARTIN-BARBERO, 2003) são parte fundamental do repertório do indivíduo, e, consequentemente, da construção de sua maneira de ver e de se relacionar - tanto emissor, quanto receptor. O emissor, no caso desta pesquisa, a partir da sua institucionalidade enquanto veículo de comunicação massiva, cria um sentido - edita a reportagem, codifica a sua mensagem. Mensagem que se propaga em uma ambiência por meio da mediação da tecnicidade. Entendemos aqui, como já foi dito na Introdução e ao longo da discussão teórica, a midiatização como ligada à mediação da tecnicidade. O receptor, por sua vez, tem acesso à reportagem, graças à mesma mediação recém citada, e pode receber e interpretar os conteúdos dessa mensagem de três formas: dominante, opositiva e negociada.

Tal codificação também está atrelada ao seu repertório, especialmente à mediação da socialidade, aqui enfatizada pelas identidades culturais. Entre a codificação e a decodificação, portanto, estão as competências da recepção. É a partir de todo esse processo que se constrói, reforça, reproduz ou discute via negação e protestos a representação midiática.

A partir das reportagens do programa Teledomingo, e toda a mensagem por trás da edição dos vídeos, foi possível perceber que os conteúdos apresentados possuem um cunho tendencioso e sensacionalista, reforçando estereótipos do negro na sociedade brasileira, conforme Freire Filho (2005).

Seguindo o mapa das mediações (MARTIN-BARBERO, 2003), a mídia/emissora, nesse caso, configura esse movimento como sincrônico, no qual as Lógicas de Produção (edição da reportagem) interferem nas Competências de Recepção (percepção sobre a reportagem). Ainda sobre a relação de LP e CR, o autor afirma ser mediada pelas mudanças na institucionalidade, "vista a partir da institucionalidade, a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados" (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 18)

Apesar de estar inserido em outro momento histórico, no qual não é realizado um grande debate sobre racismo, pluralidade cultural entre outros assuntos relevantes, o programa retrata o negro de forma vulgar, através de sua codificação. Codificação definida por Hall (2003) como um processo pelo qual a mensagem passa antes de ser transmitida pelo emissor. A mídia como produtora de sentido, então, trabalhou na edição da reportagem, a fim de transmitir uma mensagem. Os interesses privados seriam o reforço de estereótipo do negro na mídia, originados do privilegiado comando institucional da branquitude, de acordo Schucman (2012). Como podemos perceber no trecho "Sentimentos humanos que fazem parte de rituais secretos vindos da África pelos escravos", após falar sobre sentimentos ruins. Ou seja, a edição das reportagens, os cortes, as falas, as cenas, tudo é pensado com o objetivo de reproduzir uma mensagem específica.

No caso da reportagem, a midiatização fez com que a institucionalidade de uma emissora de TV se propagasse no ciberespaço, dando continuidade a um discurso e reforçando um estereótipo midiático e social. O marco que delimita o reforço de estereótipo está na edição do segundo vídeo que, além de trazer uma antropóloga branca para "desvendar" os mistérios da religião, utiliza cortes do primeiro vídeo – o qual fala sobre satanismo. Podemos relacionar essa reportagem com o que Stam (1995) denomina "marca plural", ou seja, o que projeta os povos colonizados como se fossem todos a mesma coisa. Qualquer atitude de um membro, de um determinado grupo, é instantaneamente generalizada como típico, apontando para um perpétuo retorno – e é o que acontece com a religião afro nessas reportagens. Ao inserir cortes da primeira, a emissora passa, na segunda matéria, a mensagem de que todas as religiões afro realizam tais práticas.

Porém, por mais que haja uma codificação da mensagem propagada, o significado atribuído a ela na decodificação não está sob o controle do emissor. Ou seja, a forma com que o indivíduo irá interpretar a mensagem varia de acordo com o seu repertório. Hall (2003) divide a decodificação entre dominância, negociação e oposição. A recepção e a decodificação das reportagens serão analisadas a seguir.

4.7.2 Decodificação

Antes de apresentarmos as percepções sobre os vídeos, a partir da sua decodificação, é importante expor como os respondentes chegaram a essa decodificação. Qual o repertório desses receptores, como o obtêm, constroem-no e buscam informações sobre religiões de matriz afro?

Conforme apresentado anteriormente, o conhecimento acerca da religião afro vem de quatro campos: social, estudo, mídia e prática. Importante destacar que a maioria dos respondentes obteve seu conhecimento no âmbito social, seja através de amigos, familiares ou praticando a religião. Isso porque estamos falando de sujeitos pós-modernos que possuem suas identidades fragmentadas e descentralizadas, conforme apresentado por Hall (2006). O que reforça o fato de que o espaço em que o sujeito está inserido interfere no modo como o percebe e o decodifica.

Para além do âmbito social, o âmbito simbólico e as formas de representações simbólicas também interferem no seu repertorio e no processo de identidade, de acordo com Woodward (2000). A mídia é uma propagadora de valores simbólicos, os quais interferem na construção identitária do individuo. O conhecimento sobre religião também partiu desse espaço – como de novelas e de filmes que retratam a religião afro como algo exótico. Para Lahni (2007), a mídia é responsável por absorver, reelaborar e transmitir o imaginário nas representações sociais.

Uma pequena parcela obteve seus conhecimentos através de estudos, partindo do próprio interesse dos indivíduos que buscavam conhecimentos além do que circulava no âmbito social. Nesse sentido, ainda que o Brasil tenha mais da metade da sua população formada por não brancos, o conhecimento sobre a cultura que constitui sua nação é limitado. Uma criança de sete anos, ao iniciar seus estudos no ensino fundamental, por exemplo, se depara com um conteúdo baseado na cultura europeia. O conhecimento sobre o negro nos livros didáticos muitas vezes se limita à escravidão ou é exposto de forma equivocada. Se não há um interesse real pelo assunto, somos condicionamos ao conhecimento superficial e insuficiente para a compreensão de uma cultura tão vasta, rica e necessária para essa população.

Esse reflexo foi exposto nas respostas apresentadas do questionário. Alguns relatos sobre conhecimento da religião afro foram compartilhados de forma equivocada, como é o caso do respondente 25 que diz a Umbanda é uma religião de origem africana. Apesar da relação com negros e de ser conhecida popularmente como uma religião afro, a Umbanda não tem origem

africana. Trata-se de uma religião afro-brasileira que possui forte influência da cultura ocidental, indígena e um pouco do cristianismo – e menos do culto afro, segundo Correa (1988). Fatores como esse também pode interferir na decodificação de mensagens, como o conhecimento equivocado ou a falta de conhecimento.

A categorização das respostas dos respondentes foi dividida de acordo com a as principais decodificações expostas por Hall (2003) - já apresentadas. Em relação à percepção do vídeo acerca das representações midiáticas, as decodificações dominantes partiram dos respondentes que acreditavam que os vídeos representavam veridicamente as religiões afros. O relato do respondente 38 exemplifica a dominância do conteúdo vídeo: "Sim, alguns rituais são frequentemente presenciados nas ruas. É comum ouvirmos pessoas dizerem que frequentam a Umbanda para diferentes fins, seja para atrair o bem ou com a ideia de causar o mal para outro alguém".

Conforme exposto pelo Entrevistado 1, assim como todas as religiões, a religião afro também possui pessoas com intenções ruins e não podemos isentá-los, mas o problema está na generalização do fato. Aqui vale retomar Muniz Sodré (2006), o qual relaciona midiatização e o impacto social, pois acredita que as representações da realidade nos meios de comunicação possuem uma posição dominante na nossa sociedade.

O vídeo retrata a religião como um único caso, levando a construções sociais e reforços de representações midiáticas equivocadas no espaço social e vice-versa. A cultura do negro pelos olhos do branco é representada de forma ilegítima. O fato de veicular uma reportagem sobre satanismo, em oposição ao Cristianismo, e relacionar esse tema aos escravizados, é uma forma de relacionar os negros e tudo o que origina da sua cultura a questões ruins, como o diabo – vale ressaltar, figura inexistente na cultura africana.

A negociação partiu dos respondentes que concordaram ou discordaram em partes da representação midiática do vídeo. Nesta categoria, o relato do respondente 78 chamou atenção:

> "O primeiro vídeo não me parece nem um pouco retratar corretamente a realidade. O segundo vídeo oferece um pouco mais de espaço para que se explique a religião. Porém ambas as reportagens têm um teor negativo por parte do programa, na primeira mais do que na segunda. Além disso, não ouvi o nome das religiões em nenhum momento. Como se fosse tudo a mesma coisa."

Ele percebeu que em nenhuma das reportagens é citada o nome das religiões afro, como se tratasse de uma única religião, inclusive a que cultua o satanismo. Apesar dessa omissão

dos nomes, o emissor faz questão de reforçar, através de imagens, da trilha sonora e da locução que se trata de uma religião afro.

Para tensionarmos a representação midiática com a branquitude institucional, podemos resgatar o pensamento de Cardoso (2014) que procura tratar a branquitude pela ausêncsia, ou seja, o negro presença sendo algo diferente do branco ausência. Se o "negro presença" cultua o satanismo, o "branco ausência" cultua o cristianismo. O branco como pesquisador coloca o negro em evidência – e caso não tenha um historiador ou pesquisador branco para interceder pelos negros, estes se tornam "tema-ausente". A partir desse pensamento, muitos respondentes se opuseram à mensagem passada através dessa reportagem.

A nuvem de palavras, apresentada na Figura 43, ilustra oposição na percepção sobre a reportagem. Entre elas, estão as palavras: racista, tendencioso, sensacionalista, desinformação, medo. Todas essas palavras refletem o efeito da midiatização nos respondentes. De forma geral, as palavras que mais se destacaram na nuvem são referente à decodificação de oposição. Para o respondente 11, o vídeo traz uma noção deturpada dessas religiões, através de um olhar europeu colonizador, do exótico, relacionando-as com o "mal". A própria relação Deus/Diabo parte de uma cultura cristã, que não condiz com a realidade da religião afro. O respondente 91 se opõe à percepção da veracidade do vídeo e complementa da seguinte forma:

> "[...] porém me incomoda muito que ambos os vídeos foquem no "mau sacerdote". Como em todas as religiões existem, porém quando se trata das religiões afro, mesmo tentando retratar algo bom, essa parte boa só é retratada com pessoas brancas "assinando em baixo". Quando mostra esse sacerdote que não condiz com o respeito a natureza e as pessoas que não são adeptas a religião, mostra um homem negro, que claramente está a serviço da imagem estereotipada de batuqueiro, mandingueiro."

Além do caso da antropóloga branca citada anteriormente. Ainda, a religião afro, assim com as demais religiões, também possui pessoas com intenções ruins, que prejudicam sua imagem perante a sociedade. O problema está no racismo impregnado socialmente que faz com que condenemos apenas os casos que envolvam os negros. Os próprios estudos sobre midiatização e religião abordam a religião cristã de forma positiva, sem expor os pontos negativos que esta possui.

A midiatização tornou essa reprodução mais efêmera e acessível a todos. Fausto Neto (2009) acredita que o desenvolvimento das tecnologias transformadas em meios de comunicação causam alterações nos processos sociais, técnicos e discursivos, acarretando, assim, mudanças na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre indivíduos e na organização das instituições sociais - o que ocorre na decodificação de um conteúdo

midiatizado. Não sabemos o contexto ou a intenção do emissor, nem a forma com que o receptor irá recebê-lo. Sabemos, no entanto, que essa decodificação depende do contexto cultural e histórico no qual o individuo está inserido. Tal conteúdo, de alguma forma, irá influenciar nas relações sociais.

Porém, nem tudo que passa pela midiatização e é relacionado à religião afro é negativo. Os Entrevistados 1 e 2 acreditam que, aquela serve para aproximar o leigo da religião, é válida e bem-vinda no meio religioso. Conforme apresentado a seguir no trecho da entrevista do entrevistado 1.

> "[...] Se tu expões para divulgar a religião e alcançar o leigo, de uma forma que ele entenda melhor a religião, "desdemonize" aquela impressão que as pessoa tem sem conhecer, eu acho bacana. [...] Agora, tu expor o sagrado, o segredo , ou sei lá o que. Ou tu transformar a religião em bobajda, como a gente já viu, aí tu tá fazendo um desserviço para a religião. Isso faz com as pessoas leigas pensem que a religião é uma palhaçada."

Quando pedimos paras os respondentes compartilharem informações que surgiam em sua memória sobre a religião afro, mencionaram documentários, reportagens sobre intolerância religiosa, relatos e canais de babalorixás. São, então, possibilidades de se encontrar a midiatização invadindo o sagrado e modificando as relações sociais de forma positiva.

No presente estudo, com o auxilio do mapa das mediações, podemos entender que a branquitude utiliza sua institucionalidade através das possibilidades técnicas refletidas na midiatização para interferir na forma da representação do negro. A midiatização, então, reforça um estereótipo midiático que é reproduzido socialmente o que se torna, consequentemente, um ciclo.

Nesse sentido, a representação e a construção identitária do negro com as reportagens fica explícita a todo momento - apesar de já haver miscigenação nessa religião, ela está atrelada ao povo negro. Ainda, respondentes e entrevistados relataram que não necessariamente um negro precise ser da religião afro. O Entrevistado 2 relata que, antigamente, a religião era exclusivamente voltada para os negros, mas depois de um tempo os brancos passaram a fazer parte dela, por volta de 1970. Hoje, mais ou menos 90% dos religiosos são brancos e apenas 10% negros, segundo o censo mapeando axé. Ele relatou isso, pois é branco e sentiu na pele o preconceito por pertencer a uma religião afro:

> "Preconceito com a religião sempre teve a vida inteira. Eu me lembro que quando eu estava no colégio eu era sempre visto com macumbeiro, o batuqueiro, eram

> coisas ruins. Denotavam sempre uma coisa ruim, era "lá vem macumbeiro batuqueiro" e tinha esse preconceito que é visto até hoje como religião do diabo. As pessoas escondem às vezes sua religião. Você não pode falar que tem religião no teu serviço, as pessoas vão te enxergar diferente. Isso aí, sempre tem, sempre vai ter."

O entrevistado ainda continua: "[...] Eles têm a impressão, pelo fato da religião ser de matriz africana, que tudo que é do negro não presta, é do diabo, é ruim. [...]". Ou seja, percebe-se que o racismo está impregnado culturalmente na sociedade – e a reportagem expõe a relação da religião afro com o negro de forma caricata, estereotipada, dando a entender que o negro é detentor dessa religião, a qual a emissora nem sequer denomina.

O respondente 54 acredita haver relação do negro com a reportagem e enfatiza que, mesmo sabendo que essa religião é praticada por várias raças, inclusive caucasianos, a emissora utilizou o negro - que é discriminado e visto como inferior pela sociedade - para representá-la e reforçar o lado ruim de sua prática religiosa. Já o respondente 73 apresenta o seguinte pensamento sobre a construção da imagem do negro a partir da midiatização das reportagens:

> "Sabemos que os donos da grande mídia, são a famílias tradicionais e (agora) evangélicas, que não estão preocupadas com informação de qualidade e sim notícias especulativas. Segundo, que essa mesma mídia é um dispositivo de manutenção de poder, ou seja, é através da mídia que alguns grupos vão ser preteridos em detrimento de outros, seja por sua identidade, classe e inclusive religião."

Sendo assim, as representações relacionados ao negro, sejam elas religiosas ou não, estão diretamente associadas à branquitude e ao modo como historicamente o branco viu e transformou a negritude. Como algo exótico, desconhecido e sem valor. A única pessoa branca que aparece, na segunda reportagem, é mostrada fora do culto, como alguém "especializado" para falar sobre a religião - mas que não participa dela, conforme relatou o respondente 76. Esse fato exemplifica a relação binária e hierárquica de identidade apresentada por Silva (2013). Além disso, percebemos uma "anomalia" nessa representação, a fim de normalizar a branquitude e seus privilégios:

> "[...]Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa.[...]" (SILVA, 2013, p.83).

Entretanto, não podemos reduzir o processo de midiatização como algo ruim para a construção do negro. Os vídeos aqui utilizados como objeto de estudo são uma parte da realidade, parte de uma representação majoritária do negro na mídia do Brasil, mas não

totalitária. A midiatização se refere justamente a um contexto que vai além da sociedade midiática e, como tal, diz respeito também às possiblidades de emissão por parte de sujeitos não vinculados às mídias massivas. É preciso utilizar todas essas possibilidades tecnológicas, esse poder, através dessa mediação estrutural da tecnicidade para propagar o lado bom da religião e da cultura afro.

É o que acontece com alguns canais do Facebook como a página "Efan-deí, África do Brasil" [19], por exemplo, que traz conteúdos didáticos para quem não conhece a religião. Assim, torna-se essa midiatização positiva, garantindo que a mesma força e cause o mesmo efeito na sociedade.

Que possamos informar mais, construir uma nova imagem, uma nova representação e nova percepção midiática do negro, de acordo com a maioria e não com casos isolados que não representam a verdade de um povo. Faz-se necessário repensarmos a codificação e recodificar as mensagens veiculadas para que isso se reflita também na branquitude e se construa uma nova forma de representação.

Por fim, é preciso também descentralizar o poder da branquitute. Que, cada vez mais, negros ocupem lugares de poder – e que a negritude tenha voz e vez para por si, independente de interlocutores.

[19] https://www.facebook.com/olivrodosbatuqueiros/

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do corpus obtido e da reflexão teórica apresentada como analise no capitulo anterior, acredita-se que os objetivos propostos a este estudo foram alcançados. Através do desenvolvimento desta monografia, foi possível compreender conceitos como midiatização, branquitude e identidade cultural e buscar entender sobre como isso reflete na sociedade contemporânea. A relação entre os conceitos trabalhados neste estudo foram de extrema valia para chegarmos aos objetivos propostos. Através das mediações apresentadas por Matin-Barbero (2003), pudemos entender a midiatização como o patamar atual da tecnicidade, o estudo sobre identidade cultural religiosa e racial como parte da mediação da sociabilidade e a mídia massiva e a religião como mediações da institucionalidade.

Sendo assim, a pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: Partindo do pressuposto de que a midiatização também seja responsável pela construção identitária da sociedade, como se constrói a representação identitária do negro a partir da codificação e da decodificação de conteúdos midiáticos relacionados às religiões afro? A pesquisa também busca investigar a percepção de diferentes públicos sobre religiões de matriz afro a partir do processo de midiatização dos vídeos *Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra* e *Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras*.

Para responder à pergunta problema, bem como alcançar o objetivo geral, foi necessário estabelecer 5 objetivos específicos, sendo eles: (1) Averiguar os conteúdos apresentados nos vídeos *Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra* e *Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras*; (2) Compreender como os respondentes obtêm/constroem repertório/buscam informações sobre religiões de matriz afro; (3) Analisar as percepções do público em geral sobre a representações midiáticas dos vídeos; (4) Compreender a visão de religiosos de matriz afro sobre a midiatização das religiões (5) Analisar/compreender a importância da representação midiática para a construção da identidade do negro.

O primeiro objetivo foi alcançado através da transcrição do conteúdo dos vídeos. Por meio de sua leitura, foi possível perceber que os vídeos possuem um cunho tendencioso e sensacionalista, criando uma imagem deturpada da religião afro e do negro perante a sociedade. As reportagens, através da codificação, retratam o negro como promotor e propagador dos cultos ao diabo. Além disso, a codificação não denomina as religiões, como se todas fossem apenas uma única religião, traçando uma distinção entre as que servem para o “bem” e as que servem para “mal”. Toda essa representação é feita partindo do poder institucional da branquitude, que fala pelos negros a partir de reportagens como essas.

A fim de compreender como a sociedade constrói seu repertorio acerca da religião afro, foi aplicado um questionário virtual. A partir do questionário, podemos perceber que o conhecimento sobre religião é adquirido em quatro campos. Social, através de amigos e convívio familiar. Estudos, nas aulas de ensino religioso ou a partir do interesse do respondente em ter informações sobre a religião. Mídia, através de reportagens, filmes, novelas que apresentavam a religião. Prática, relativa à participação dos respondentes na religião. Apesar das quatro categorias, é importante ressaltar que todo conhecimento sobre religião passa pelo âmbito social.

Para analisarmos a percepção sobre os vídeos, utilizamos a teoria da decodificação de Hall (2003). Através dela, podemos compreender de que modo os respondentes e entrevistados receberam o vídeo. Se essa decodificação aconteceu de modo dominante, negociado ou opositor à codificação gerada pela emissora. De modo geral, a maioria das respostas foi de oposição à codificação apresentada nas reportagens, mostrando que os respondentes possuíam um repertório diferente do emissor.

A entrevista serviu para compreender a visão dos religiosos acerca da midiatização. Ambos entrevistados acreditam que a midiatização, feita de forma consciente, com um tom informativo, é capaz de alcançar um grande número de pessoas, inclusive leigos. Essa aproximação seria capaz de "desdemonizar" a religião afro, ou seja, de desconstruir essa imagem ruim. Por outro lado, eles desaprovam a midiatização que expõe fundamentos, expõe o sagrado nas redes sociais, causando um pré-julgamento das pessoas, como acontece frequentemente.

Para auxiliar na compreensão sobre a importância da representação midiática para a construção da identidade do negro, questionamos os respondentes sobre a relação das reportagens com o negro. Apenas uma parcela acredita não haver relação, pois hoje as religiões afro são cultuadas por diversas etnias, principalmente pelo branco. Já a maior parte dos respondentes acredita haver ligação e complementam que o vídeo deixa explicitamente demarcada essa relação, construindo uma imagem midiática do negro que é reproduzida socialmente.

Desse modo, foi possível alcançar o objetivo geral e chega-se à conclusão de que o processo de codificação do emissor, por meio da midiatização dos vídeos *Teledomingo 2000 - Satanismo e Magia Negra* e *Teledomingo Desvenda Os Mistérios Das Religiões Afro Brasileiras* é responsável por reproduzir, propagar, reforçar e manter a imagem deturpada do negro e de tudo o que está relacionado a ele.

Este estudo também torna mais evidente materiais didáticos acerca do povo negro e do modo como essas informações são obtidas. Ainda, evidencia estudos relacionados à religião cristã, tratados de formas distintas à religião afro, bem como a influência e a força do

processo de midiatização e a importância do profissional de comunicação na codificação da mensagem propagada. Assim, as mediações através da midiatização têm influência direta na sociedade cabe ao profissional de comunicação rever essa codificação, e/ou recodificar se necessário, para que cada vez mais possamos comunicar a diversidade e a pluralidade na qual vivemos.

Em relação aos vídeos, é necessário que surja uma força contrária aos vídeos. Que mostre a beleza, a riqueza, a verdade, a história e os valores das religiões afro. Além disso, que apresente o negro por ele mesmo, sem interlocução da branquitude. Temos muito chão a percorrer pela frente, mas a nova geração quer fazer a diferença e construir uma nova representação midiática do negro. O negro que estuda, que trabalha, que cultua o bem, por meio dos seus orixás. Um futuro estudo poderia fazer uma comparação da midiatização antiga - quando temas como o racismo, a intolerância religiosa, entre outros temas importantes, não eram levados em consideração - com uma midiatização mais recente. Certamente colaboraria para percebermos se existe uma evolução na comunicação desse tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. 379 p.

_____. Convergencia digital y diversidade cultural. In: MORAES, D. de. **Mutaciones de lo visible: communicación y processos culturales em la era digital**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 2010 São Paulo: Edições 70.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquemento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs**.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** Petrópolis: Vozes: 2002.

BORBA, Mário Pereira; BALDISSERA, Rudimar. **Das Mídias à Midiatização: Reflexões Sobre Opinião Pública**. In: Anais do III ABRAPCORP, São Paulo: UFRGS, 2009.

BORELLI, Viviane. **Midiatização, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião.** Universidade Federal de Santa Maria, 2007. Disponível em: < http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane.pdf >. Acesso em: 15 jul.2017

BURGESS, Jean; GREEN, Josua. **YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009

CARDOSO, Lourenço. **Retrato do branco racista e anti-racista**. 2010. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1279/1055>. Acesso em: 16 jul.2017.

_____. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. 2014. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciencias e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115710>.

CORREA, Norton. **Os vivos, os mortos e os Deuses: um estudo antropológico sobre o batuque no Rio Grande do Su**l, 1988. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

COSTA, H. **O negro no teatro e na TV. Estudo Afro-Asiáticos**. Rio de Janeiro, 1988.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto,** Porto, v. 24, p.171-193, 2012. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2017.

DIJK, Teun A. van. **Racismo e Discurso na América Latina**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 379 p. 8ª. reimpressão 2015.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. Revista Matrizes. São Paulo: ECA/USP, ano 1, nº 1, 2008. Disponível em: http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/88/136. Acesso em 09 de agosto de 2016.

_____. "A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim". Entrevista concedida a IHU On-Line, nº289, ano IX. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2479&secao=289 . Acesso em 17 de julho de 2017.

FREIRE FILHO, João. **Força de expressão**: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. Famecos, nº 27, 2005, pp.18-29,. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3333>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

_____; HERSCHMANN, Micael; PAIVA, Raquel. **Rio de Janeiro: Estereótipos e representações midiáticas.** 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1/2> .Acesso em: 05 de outubro e 2017.

_____; HERSCHMANN, Micael; PAIVA, Raquel. **Estereótipos e Representações Midiáticas.** Rio de Janeiro: Revista da Associação Nacional dos Programas

de Pós-Graduação em Comunicação, edição 1, 2004. Disponível em: < http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1/2>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

GASPARETTO, Paulo R. **Midiatização da Religião: processos midiáticos e aconstrução de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova.** 2010. Disponível em: < http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_paulo_roque_gasparetto.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 2006 . In: SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. 4ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. SOVIK, Liv (Org.); RESENDE, Adelaine La Guardia (Trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, n. 2, v. 22, p .5, 1997.

HJAVARD, Stig. **Matrizes**. Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012 - São Paulo - Brasil –p. 53-91 online http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/38327/0

_____. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural**. Matrizes, V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014 São Paulo – Brasil

IBGE. **Censo demográfico 2010. Tabela 2094: População residente por cor ou raça e religião**. Disponível em: < https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/2094#resultado>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

LAHNI, Cláudia Regina et al. A mulher negra no cinema brasileiro: uma analise de Filhas do Vento. **Rev. Cient. Cent. Univ. Barra Mansa - Ubm, Barra Mansa,** Rio de Janeiro, v. 17, n. 9, jul. 2007, pp.80-88. Disponível em: <http://negromidiaeducacao.xpg.uol.com.br/artigos/A_mulher_negra_no_cinema.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MALHOTRA, Naresh. K. **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 720.

MARCHETTI, Renato. Z. Diversidade e Tendências das Pesquisas Qualitativas de Marketing. In: **Caderno de Ciências Sociais Aplicada**. Curitiba: Editora UFPR, 1995. pp.15-24.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia cientifica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MARTINO, Luis Mauro. Matrizes, **Midiatização da religião e Estudos Culturais: uma leitura de Stuart Hall*** V.10 - Nº 3 set/dez. 2016 São Paulo - Brasil p. 143-156 **https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/124655/121884**

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2015. p. 269-279.

ORO, Ari Pedro. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. **Debates do Ner,** Porto Alegre, v. 13, n. 9, pp.9-23, 19 jun. 2008. Disponível em: <seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/download/5244/2975>. Acesso em: 11 jul. 2017.

_____. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos Afro-asiáticos.** Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, maio 2002, pp.345-384. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/79339>. Acesso em: 11 jul. 2017.

PIZA, Edith. **Adolescência e racismo: uma breve reflexão**. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005. Disponível em: < http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100022&script=sci _arttext>. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

_____. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu... In: HUNTLEY, Lynn Walker; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo (Orgs.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. pp. 97-125.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese (doutorado), 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>
Acesso em: 20 de agosto de 2017.

SANTAELLA, Lucia. Cultura das mídias. São Paulo, Experimento, 1996.

SILVA, Isaac Pinto da. Ensino Religioso em sala de aula: Contribuição à formação do aluno e à aprendizagem de valores. **Unitas – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões,** Vitória, v. 2, p.166-174, 2014. Jul-dez. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/viewFile/225/237>. Acesso em: 10 ago. 2017.

SILVA, Ana Célia da. Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação da alteridade. In: NASCIMENTO, Antonio Dias. HRTKOWSKI, Tânia (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponivel em: < http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-06.pdf > Acesso em 16 jul. 2017.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Rever: Revista de Estudos da Religião,** São Paulo, v. 2, pp.1-14, 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, pp. 73-102.

SGORLA, Fabiane. **Discutindo o "processo de midiatização"**. Mediação (Belo Horizonte), v. 9, 2009, pp. 59-69.

SODRÉ, Muniz. "Eticidade, campo comunicacional e midiatização". In: MORAES, Denis. **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOVIK, Liv. (2004). Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In: Ware, Vron. **Branquidade. Identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, Centro de Estudos Afro-Brasileiros, Universidade Candido Mendes.

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. **Estereótipo, realismo e representação racial**. Imagens, n. 5, p. 70-84, 1995. Disponivel em < https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxoaXN0b3JpYWRhc2N1bHR1cmFzfGd4OjQyMzk2OGM4OTU2YzlhZjg>. Acesso em: 16 jul. 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulinas, 2010.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Religião e mídia

Este questionário tem por objetivo analisar o conhecimento e a percepção sobre as religiões brasileiras a partir da sua midiatização, especificamente religiões afro. Ele faz parte dos instrumentos de coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Ketlyn Couto do Curso de Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Professora Doutora Monica Pieniz.
Todas as informações aqui fornecidas serão confidenciais e utilizadas apenas para fins acadêmicos, preservando-se a identidade dos sujeitos respondentes.
Qualquer dúvida ou esclarecimento podem ser obtidos com a pesquisadora pelo email ketlync@gmail.com.

*Obrigatório

1. **Idade** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Menos de 18 anos
- ◯ Entre 18 e 30 anos
- ◯ Entre 31 e 50 anos
- ◯ Mais de 50 anos
- ◯ NS/NR

2. **Gênero**

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Feminino
- ◯ Masculino
- ◯ NS/NR

3. **De acordo com a classificação adotada pelo IBGE a sua cor/raça é :** * *Marcar apenas uma oval.*

- Branca
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Preta
- NS/NR
- Outr _____

4. **Escolaridade** *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Superior Completo
- Mestrado
- Doutorado
- NS/NR

5. **Estado/Cidade/Bairro** *

6. **Qual sua religião ou culto?** *

Conhecimento sobre religião

Nessa seção serão feitas perguntas gerais de conhecimento sobre religiões

7. **Você conhece as religiões listadas abaixo? Caso tenha conhecimento de outras religiões cite-as no campo outros** *

Nesta listagem estão as 4 religiões do Brasil que mais se destacaram de acordo com dados do Censo Demográfico do IBGE 2010.

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Candomblé/ Umbanda/ Religião
- [ ] Afro Espirita
- [ ] Evangélica
- [ ] Católica
- [ ] NS/NR
- [ ] Outro: _____

8. **O que você sabe sobre essa(s) religião(ões) e como você obteve esse conhecimento?** * Descreva sobre a(s) religião(ões) que você assinalou na pergunta anterior

9. **O que você acha sobre as religiões afro?** *

Reportagens Teledomingo

Nessa seção serão apresentadas duas reportagens, no vídeo abaixo, feitas pelo Teledomingo (Teledomingo foi uma revista eletrônica exibida pela RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, sendo exibido entre 2 de novembro de 1997 e 18 de janeiro 2015 nas noites de domingo, logo após o Fantástico.), a partir da visualização responda as perguntas a seguir.

Caso o vídeo não abra segue o link

https://www.youtube.com/watch?v=8RQRvIGKXMI&t=16s

http://youtube.com/watch?v=8RQRvIGKXMI

10. **Você acha que o vídeo retrata a realidade das religiões afros?** *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Ir para a pergunta 11.*
- Em Partes *Ir para a pergunta 11.* Não *Ir para a pergunta 11.*
- NS/NR

Justifique sua resposta

11. **Você acha que o vídeo retrata a realidade das religiões de matriz africana? Justifique sua resposta. ***

12. **Se pudesse descrever o vídeo em UMA PALAVRA, qual seria?**

13. **Após assistir o vídeo sua percepção sobre as religiões afro mudou? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Ir para a pergunta 16.*
- Em partes *Ir para a pergunta 16.* Não *Ir para a pergunta 16.*
- NS/NR

Justifique sua reposta

14. **Após assistir o vídeo sua percepção sobre as religiõe afro mudou? Justifique sua resposta. ***

15. **Você lembra de outras notícias/vídeos/fatos/fotos que falem sobre essa**

religião? Compartilha com a gente?

Insira aqui links de vídeos, notícias, fotos ou relatos.

16. **Você acha que a imagem do negro está diretamente ligada à essa reportagem? Comente sobre.** *

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM RELIGIOSOS

Ao questionarmos sobre a iniciação na religião e o que a religião representa, obtivemos as seguintes respostas:

O entrevistado 1 tem 65 anos e começou na religião, mais ou menos aos 7 anos de idade quando a sua primeira entidade já chegava. Aos 15 anos entrou definitivamente na religião a qual é fiel até hoje. Para o respondente a religião representa tudo o que ele é pois trouxe conhecimento, sabedoria, a união, esse monte de coisa que comecei a compreender muito. A ingratidão principalmente.

O entrevistado 2 tem 44 anos, já nasceu na religião pois sua avó tinha terreira e trabalhava exclusivamente para a religião. Na adolescência perdeu um pouco o contato, mas aos 18 anos retornou. Para ele a religião é a base que a gente tem, o alicerce espiritual. Eu vejo religião com o lado espiritual apenas. Já tive a oportunidade de viver, financeiramente, de religião e é uma coisa difícil, uma coisa complicada.

O que você acha sobre o preconceito contra a religião?

Entrevistador 2

Preconceito com a religião sempre teve a vida inteira. Eu me lembro que quando eu estava no colégio eu era sempre visto com macumbeiro, o batuqueiro, eram coisas ruins. Denotavam sempre uma coisa ruim, era "lá vem macumbeiro batuqueiro" e tinha esse preconceito que é visto até hoje como religião do diabo. As pessoas escondem às vezes sua religião. Você não pode falar que tem religião no teu serviço, as pessoas vão te enxergar diferente. Isso aí, sempre tem, sempre vai ter.

Entrevistado 1

Aqui em casa sempre quando tinha sessão, batuque recebíamos a "visita" da brigada militar. Os vizinhos reclamavam do barulho. Tornou-se tão comum que os próprios brigadianos entravam, comiam e iam embora, pois já sabiam do que se tratava.

Entrevistado 2

Quando terminou a escravidão, isso em 1889, o que fizeram com os negros? Simplesmente largaram. Não pode mais ser escravo, então se vira! O preconceito moral existia ninguém queria um negro por perto. Os negros migraram para regiões de gueto como a gente conhece.

Os bairros mais afastados onde na época não existiam a civilização na volta e depois começaram os brancos a construir moradias onde os negros já estavam. Aqui por exemplo, quando começou a terreira não tinha nada era só mato. Não tinha meia dúzia de casa. Tinha uma aqui de madeirinha caindo aos pedaços. Até a esquina não tinha nada, na rua inteira tinha 4 casas, isso em 1975. Depois que começaram a comprar terrenos, começaram a construir casas. Não sei se foi na época por causa do preço de terreno que era mais barato por ser mais afastado, mas era um lugar longe, bem dizer, de morar. Foi feito uma casa de religião e com o tempo as outras casas que foram se aglomerando, mas até hoje tem a discriminação das pessoas. Eles têm a impressão, pelo fato da religião vim de matriz africana, que tudo que é do negro não presta, é do diabo, é ruim. Antigamente a religião era exclusivamente voltada para os negros, mas depois de um tempo começaram e entrar os brancos na religião, por volta de 1970. Hoje se não me engano são 90% dos alabês brancos e apenas 10% negros. Teve um senso, um projeto chamado mapeando axé que mostra isso. Nesse projeto eles mapearam as comunidades tradicionais de terreiro e fizeram em alguns Estados e fez tipo um senso, eles fizeram por concentração, quantas casas de religião por quilômetro quadrado. Nós participamos, eles vieram aqui em casa, eles perguntavam como é que eram feitas as comidas religião, como eram feitos os bichos, para ver se era adequadamente. Nesse projeto estimaram o número de terreiros.

Entrevistado 1

Não lembro de cabeça, mas muito mais que 40 mil terreiros. 40 mil são só os terreiros cadastrados na AFROBRAS. Claro que alguns já morreram e não se descadastraram, surgiram outras casa e outras entidade como a AFROBRAS, AFROSUL, por exemplo.Hoje em dia é difícil ter o controle de tudo, até 88 isso era possível. A Constituição de 88 e deu a liberdade religiosa de livre culto e a crença e a AFROBRAS perdeu o controle, virou bagunça, cada um faz o que quer.

O fato Regina Becker expôs essa bagunça, mas antes em 2004 teve o Deputado Manoel Maria, que era evangélico, criou projeto de lei sobre o sacrifício dos animais, porém ele direcionou exatamente para o culto afro. Após manifestações eles alteraram e colocaram lá dentro era por eventos e perfis de animais, salvo em cultos de matriz africana. Até 88 AFROBRAS tinha autoridade para fechar um terreiro. Se não tinha alvará? Mandava fechar o terreiro. Não seguia os fundamentos? Fechava o terreiro. O livre culto garantido fez a AFROBRAS perder os poderes, pois ela agora bate com o poder institucional, tem liberdade

para as pessoas fazerem o que quiserem da religião. E como a constituição diz que que é livre o culto e locais de Credo. O batuqueiro vê a rua como local de culto, isso é garantido por constituição Há “pais de santo” que sacrificam quatro pé e colocam no meio da rua, só que precisa ter bom senso.

Entrevistado 1

Em 2007 apareceu na tv mais de 20 cabeças de ovelha encontradas no gasômetro. Aqui ali foi coisa dos evangélicos, depois ficou comprovado. Eles fizeram aquilo para prejudicar a imagem da religião. Até porque o modo com que estavam as cabeças mostrava que não tinha sido feito por alguém de religião.

/ brasil / rio grande do sul

24/06/07 - 17h39 - Atualizado em 25/06/07 - 07h23

Cabeças de ovelhas são colocadas perto de ponto turístico em Porto Alegre

Há suspeitas de que animais tenham sido usados em ritual religioso. Cabeças estavam na Usina do Gasômetro, perto do Lago Guaíba.

editorias

Primeira Página
Blogs e Colunas
Brasil
Carros
Ciência e Saúde
Cinema
Concursos e Emprego
Economia e Negócios
Esporte
Mundo
Música
Planeta Bizarro

Do G1, em São Paulo

Tamanho da letra A- A+

Pelo menos 20 cabeças de ovelhas foram colocadas na Usina do Gasômetro, na beira do Lago Guaíba, um dos pontos turísticos de Porto Alegre, neste domingo (24). Segundo informações do jornal "Zero Hora", há suspeitas que as cabeças tenham sido usadas para um ritual religioso. O serviço de limpeza urbana da Prefeitura recolheu as cabeças.

Foto: Emílio Pedroso

Entrevistado 2

A perseguição religiosa sempre existiu. Se tu pegar programas evangélicos em alguns tempos atrás, pega aí 2001/2002. Eles marcavam direto a religião de matriz africana. Eles chamavam o pai de santo de encosto, mãe/pai de encosto. Daí aparecia aquelas simulações, aí sempre na vida da pessoa aparecia um feitiço, a pessoa passou por alguma macumba e a vida dela ficava ruim. As “manifestações de Exu” dentro da igreja, porque eles querem associar o mal das pessoas a isso. As pessoas ligavam pra lá e diziam “minha vida tá assim, por causa de um trabalho”. Daí um dia eu estava passando os canais e estava assim: “ Mãe de encosto desafia pastor”. Daí eu parei e estava rolando um bate boca do pastor com uma mãe de santo, ele dizia que ela era mãe de encosto e ela dizia que não era assim, que eles falavam mal da religião. Daí o pastor disse “Eu lhe convido, se a senhora tiver coragem de ir lá ao templo da fé” e a mãe de santo disse “Eu também lhe convido para conhecer minha terreira, sinta-se a

vontade. Eu vou, no dia tal estarei aí!".Ela foi, levou todos os filhos de santos e se sentaram tudo no fundo da igreja e não se manifestou, e o pastor falando dos pais e mães de encosto, dizendo que o diabo existia mas que ali era casa de Deus e a mãe de encosto nem apareceu aqui. Daí ela se levantou e disse "Eu vim, e trouxe meus filhos de santos", daí diz que calou a igreja. Daí ele disse que já que ela estava ali, podia subir no palco, e ela foi.A distância do fundo da igreja até o palco era grande, e quando ela passa as pessoas demonizavam ela. Daí começaram a brigar no palco, daí ela disse" Olha, essas coisas que vocês fazem aqui de vim exu,as pessoas se incorporam aqui, é bobagem, é tudo mentira.Eu recebo tudo que vocês imaginam, eu recebo cosme, recebo pombagira, caboclo, preto velho e eu faço um desafio pro senhor: - Se o senhor fizer qualquer uma das minhas entidades chegar aqui, agora na frente de todo mundo , eu me converto pra sua religião e os meus filhos de santos que estão aqui também". E o pastor disse: - "Então tá feito!Posso tocar na sua cabeça?", ela disse: - "pode tocar na minha cabeça". Fizeram roda, começaram a gritar, invocar e óbvio que a entidades não chegaram. No fim ele disse que ela havia feito um acordo com os demônios antes de ir lá.

Tem vários programas de conscientização da AFROBRAS como não despachar em bandejas de plástico ou de papel, não despachar quatro pé , enterrar. Em Cachoeirinha construíram "macumbódromo", lugar para despachar as obrigações. Esse espaço tinha convênio com o DMLU e eles recolhiam os despachos. Eu acho, que esse convênio acabou, enfim e o dmlu não recolhia mais as oferendas, e o povo continuava largando lá as oferendas. Daí já viu, né? Virou um lixão porque não tinha recolhimento do DMLU. Criaram um problema comunidade, porque o cheiro era horrível.

Entrevistado 1

Aqui em casa a gente enterrava quando tinha obrigação de quatro pés. Agora imagina uma casa que tem obrigação direto. Uma casa grande, que tenha 200 filhos.Eu sou a favor de pegar um terreno baldio, enterrar, não atirar na rua as obrigações. Olha que horror aquele cruzeiro do Odila. Foi dali que tiraram as fotos do caso Regina Becker.

Logo que inauguraram a imagem da Oxum aqui em Ipanema, 2000/2001, as criaturas vinham fazer obrigação ali. Daí imagina, o pessoal ia correr pela manhã e encontrávamos animais atirados embaixo da imagem. Dai fizeram um abaixo assinado para retirar a imagem dali. Eu concordo com o moradores. Isso é uma falta de respeito. Nem todo mundo conhece nossa religião, pro leigo, aquilo que ele está vendo é nossa religião, mas não é.

Cada casa tem um fundamento e "fundamento" de algumas casas acaba com respeito de todo aquele que não sabe. Ele vai generalizar sempre, aquele que não para ouvir pensa: "religião porca, os batuqueiros são todos assim, porco,invoca diabo"

Explica pra nós um pouco sobre as religiões afro-riograndenses

Entrevistado 1 e 2

Aqui em casa nós praticamos a umbanda cruzada. Não vai nada na cabeça, só ervas, mas assentamos caboclo, cortinha.

A quimbanda nada mais é do que uma 3ª religião. Exu sempre fez parte da umbanda, tu pega as linhas, povo de mata, povo do cruzeiro, povo de água. A quimbanda cultua os exus, pertencem a uma linha de entidades da umbanda mas desmembraram da umbanda e criaram essa terceira religião. Começaram a cultuar como uma religião a par da umbanda.

O batuque cultua os orixás. É uma religião trazida da África por escravizados mas adaptada conforme nossas tradições culturais aqui do sul. Os orixás são considerados energias, forças da natureza. Iansã é o vento, Xangô é fogo, Iemanjá é água. Pra nós eles nunca tiveram vida, mas existe uma nação que acredita que orixá é um evolução do ser humano. Teve vida na terra e morreu viram egun. Esse egun vai ter fases evolutivas até chegar a orixá. Algumas vertentes de *Cabinda* acreditam que os orixás tiveram vida na terra e que passaram por essa evolução. Por isso que nos ritos eles cultuam o egun primeiro para depois chegar no orixá. A diferença de orixá para inkisse está na região. Orixá veio da região yorubá, Inkisse da região Jêje Nagô, vodun de outra região, e assim consequentemente. É a mesma coisa que eu dizer que a aqui no sul é cacetinho, em SP é pão francês, aqui é bergamota, lá pra cima é mexerica, tangerina, etc. Imagina o quão iluminada essa pessoa teria que ser para virar um orixá. O ser humano tem defeitos, imagina o quão poderoso ele deveria ser. É meio católico isso aí né?

A umbanda é uma religião brasileira, uma mistura de catolicismo, kardecismo, afro e indígena. Foi criada pois algumas entidades não eram consideradas espíritos evoluídos para baixar em centros espíritas. As entidades são espíritos que já viveram aqui na terra e não concluíram sua missão, alcançaram um grau de luz muito elevado e retornam através de um médium para concluir a sua passagem na terra e ajudar aquele cavalo a evoluir também.

O que vocês acham da exposição da religião?

Entrevistado 2

Depende do sentido. Depende da forma de exposição. Se tu expõe para divulgar a religião e alcançar o leigo, de uma forma que ele entenda melhor a religião, desdemonize aquela impressão que as pessoas têm sem conhecer, eu acho bacana. Uma das pessoas que fez isso durante muito tempo, claro que pra ganhar grana também, foi o Pedro de Oxum. Mas ele mostrava os búzios e tal, como era as consultas, aproximando o leigo da religião. Ele fez isso na TV. Se fizerem isso nas redes sociais, eu acho bacana. Agora, tu expor o sagrado, o segredo, ou sei lá o que. Ou tu transformar a religião em pagode de Exu, samba de Exu, como a gente já viu, bobajada, aí tu tá fazendo um desserviço para a religião. Isso faz com as pessoas leigas pensem que a religião é uma palhaçada.

Entrevistado 1

Eu acho um absurdo. Expor fundamentos, o sagrado, sacralização de animais, fotos de entidades. Eu acho isso uma falta total de respeito e a pessoa que faz isso não tem fundamento nenhum, para mim. Hoje em dia eles postam tudo naquele face. Hoje em dias as entidades fazem até pose pra foto, nunca vi isso.

O que vocês acham desse vídeo?

Entrevistado 1:

Pavoroso! Eles querem dizer indiretamente que a religião afro cultua o diabo.

Mas não nos surpreende ser o Paulinho do Xoroquê. Ele adora um destaque uma mídia.

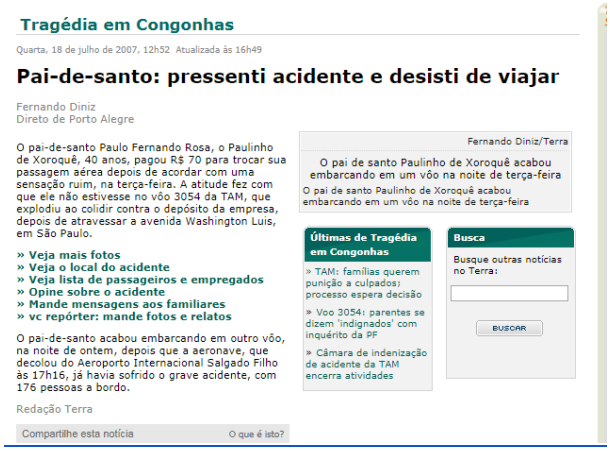
Entrevistado 2:

Lembra daquele caso do vôo Tam, que caiu? Ele apareceu nos jornais dizendo que ele tinha passagem para aquele vôo mas recebeu um aviso e não subiu no avião.

São coisas como essas que desvalorizam e negativam a imagem da religião.

A gente não pode dizer que não existe. Hoje em dia cada um faz religião do seu jeito, né.

Mas nesse pai de santo não dá para levar fé. O ruim é que para quem não conhece a religião, os leigos, isso parece ser verdade.



Tragédia em Congonhas

Quarta, 18 de julho de 2007, 12h52 Atualizada às 16h49

Pai-de-santo: pressenti acidente e desisti de viajar

Fernando Diniz
Direto de Porto Alegre

O pai-de-santo Paulo Fernando Rosa, o Paulinho de Xoroquê, 40 anos, pagou R$ 70 para trocar sua passagem aérea depois de acordar com uma sensação ruim, na terça-feira. A atitude fez com que ele não estivesse no vôo 3054 da TAM, que explodiu ao colidir contra o depósito da empresa, depois de atravessar a avenida Washington Luis, em São Paulo.

» Veja mais fotos
» Veja o local do acidente
» Veja lista de passageiros e empregados
» Opine sobre o acidente
» Mande mensagens aos familiares
» vc repórter: mande fotos e relatos

O pai-de-santo acabou embarcando em outro vôo, na noite de ontem, depois que a aeronave, que decolou do Aeroporto Internacional Salgado Filho às 17h16, já havia sofrido o grave acidente, com 176 pessoas a bordo.

Redação Terra

Compartilhe esta notícia O que é isto?

Fernando Diniz/Terra

O pai de santo Paulinho de Xoroquê acabou embarcando em um vôo na noite de terça-feira

O pai de santo Paulinho de Xoroquê acabou embarcando em um vôo na noite de terça-feira

Últimas de Tragédia em Congonhas

» TAM: famílias querem punição a culpados; processo espera decisão

» Voo 3054: parentes se dizem 'indignados' com inquérito da PF

» Câmara de indenização de acidente da TAM encerra atividades

Busca

Busque outras notícias no Terra:

BUSCAR